

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

JULIA VON HOLLEBEN

**PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS INGRESSANTES DAS
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE SOBRE VIVÊNCIAS ACADÊMICAS:
UM ESTUDO SOBRE SAÚDE MENTAL**

PONTA GROSSA

2024

JULIA VON HOLLEBEN

**PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS INGRESSANTES DAS
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE SOBRE VIVÊNCIAS ACADÊMICAS: UM ESTUDO
SOBRE SAÚDE MENTAL**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas. Linha de Pesquisa: História, Cultura e Cidadania.

Orientadora: Prof. Dra. Lara Simone
Messias Floriano

Co-orientadora: Prof. Dra Danielle Bordin

**PONTA GROSSA
2024**

H737

Holleben, Julia Von

Percepção de estudantes universitários ingressantes das Ciências Biológicas e da Saúde sobre vivências acadêmicas: um estudo sobre saúde mental / Julia Von Holleben. Ponta Grossa, 2024.

102 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas - Área de Concentração: Cidadania e Políticas Públicas), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Lara Simone Messias Floriano.

Coorientadora: Profa. Dra. Danielle Bordin.

1. Estudantes universitários. 2. Adaptação acadêmica. 3. Saúde mental. 4. Ciências da saúde. 5. Ciências biológicas. 1. Floriano, Lara Simone Messias. li. Bordin, Danielle. Ili. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cidadania e Políticas Públicas. IV.T.

CDD: 362.1

TERMO DE APROVAÇÃO

JULIA VON HOLLEBEN

“Percepção de estudantes universitários ingressantes das Ciências Biológicas e da Saúde sobre vivências acadêmicas: Um estudo sobre saúde mental”.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 24 de abril de 2024.

Assinatura pelos membros da Banca



Profa. Dra. Lara Simone Messias Floriano - UEPG-PR - Presidente



Prof. Dr. Arcelio Benetoli - UEM-PR - Membro Externo

Documento assinado digitalmente
gov.br GONCALO CASSINS MOREIRA DO CARMO
Data: 24/04/2024 19:53:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.eov.br>

Prof. Dr. Gonçalo Cassins Moreira do Carmo - UEPG-PR - Membro Interno

Prof. Dr. Mauricio Wisniewski - IESSA- Faculdade Sant'ana-PR - Suplente Externo

Prof. Dr. João Irineu de Resende Miranda - UEPG-PR - Suplente Interno

*Dedico esta pesquisa para meu eterno amigo Rodrigo Tomé, que se suicidou em Fevereiro de 2024, enquanto este estudo estava sendo produzido.
Obrigada pela troca que tivemos, suas ideologias de vida e suas lindas artes.
Iremos te honrar hoje e sempre. Amamos você de todo coração.*

AGRADECIMENTOS

O texto aqui escrito é resultado da nutrição de um sonho, iniciado em 2017, quando eu entrei no curso de Psicologia e, no meu primeiro contato com aquele contexto, tive aula com a professora Tatiana Stremel, na disciplina de Bioquímica. Ela estava linda, estilosa, e tinha uma didática ímpar para explicar um assunto que eu acreditava ser tão complexo. Por um grande equívoco meu, até aquele momento, eu pensava que Psicologia era muito mais um curso voltado para área de Humanas do que da Saúde. Encantei-me pela professora e pela disciplina, e percebi o quanto eu queria exercer a docência um dia e ocupar aquele espaço, da mesma forma como ela fazia.

Além dela, uma outra mulher, grande responsável por me inspirar a percorrer a trajetória do Mestrado foi minha mãe, India Mara Aparecida Dalavia de Souza Holleben. Ela que é Mestre em História, apesar de ser graduada em Pedagogia, nunca nos poupou de contar o quanto o Mestrado a havia mudado, trazendo novas perspectivas sobre o mundo e as pessoas e em como a realidade, por ser social, traz consequências díspares para os indivíduos. Sempre fez questão de nos educar pensando no sofrimento que as pessoas carregam dentro de suas vivências, e que nosso papel como cidadãos é pensar e nos dedicarmos a ajudar, da maneira que encontramos e sentirmos que é possível e de acordo com as nossas particularidades. Mãe, eu só consegui chegar até aqui pela sua luta, esforço, carinho e amor. Não há palavras que possam demonstrar o quanto sou grata a você por tudo e o quanto é grande meu amor e admiração por você. Obrigada!

Estendo meus agradecimentos a outras mulheres fundamentais nessa trajetória: minha irmã Viktória Hugo Von Holleben, que como uma mulher trans, me ensinou sobre coragem de viver uma vida que faça sentido e me inspira todos os dias a lutar por um feminismo que liberte e aceite todas nós, obrigada! Te amo!

À Luana Ohanna Morgado, minha melhor amiga, irmã que a vida me deu, que esteve comigo nas vitórias desse trajeto e nos momentos de fragilidade em que precisei desabafar, chorar, me distrair para seguir em frente. Sem você, tudo teria sido muito mais difícil. Muito obrigada, te amo!

À minha orientadora, Lara Simone Messias Floriano que sempre disponível, me auxiliou a escrever e encarar todo o percurso até o título de Mestre, deu luz e espaço à meus projetos e ideias, me ajudando nos momentos em que achei que não conseguiria. A você minha eterna admiração e gratidão!

À minha co-orientadora, professora Daniele Bordin, que prontamente me auxiliou nas análises estatísticas, tratamento e interpretação dos dados coletados. Agradeço sua disponibilidade em todas as reuniões, trabalho e conhecimentos compartilhados nessa jornada. Obrigada!

À Bruno Tonet, professor durante a graduação, atualmente colega de trabalho e amigo pelo auxílio na produção de gráficos e nas análises estatísticas, além das conversas, risadas e trocas vivenciadas nas etapas finais desta escrita. Gratidão!

Agradeço também à Adriane Dall'Acqua de Oliveira e à Karyn Hornhardt pelo apoio, presença e carinho comigo e com minha família nesse processo. Obrigada!

Além dessas, agradeço à meu pai Paulo Bolivar Carvalho de Holleben por estar presente e por jamais ter duvidado das minhas capacidades em concluir esse e outros desafios aos quais me dediquei. Te amo, pai!

À minha avó materna Tereza Noeli Dalavia de Souza que com suas comidinhas deliciosas, seu afeto e fé inabalável tornaram a caminhada mais leve e cheia de alegria. Te amo muito vó, obrigada!

Dedico também espaço de agradecimento aos meus professores e professoras, tanto da Graduação, quanto do Mestrado, que com muita dedicação estiveram semana após semana trazendo conteúdos e discussões, tão importantes e necessárias para o momento atual, na realidade vivida em nosso país. A vocês, toda a minha gratidão.

Por fim, gostaria de agradecer a todos/as/es que lutam por uma existência em que aspectos psicoemocionais sejam válidos, estudados e, principalmente, respeitados. Aos *psís*, aos que convivem com transtornos mentais e/ou distúrbios emocionais, aos que vivem suas verdades apesar dos preconceitos e desprezo social, aos progressistas, aos educadores e trabalhadores da saúde: que este estudo possa legitimar suas contribuições e servir de reverência às suas inestimáveis existências.

RESUMO

O ingresso ao contexto universitário é marcado por diversas situações ambientais e sociais que serão vivenciadas por todos, como um período de desenvolvimento que pode acarretar mudanças psicológicas. Situações específicas podem acontecer com algumas pessoas como formas desadaptativas de enfrentamento, como falta de habilidades e recursos funcionais para lidar com novas experiências, mudança de moradia ou cidade, autopercepção distorcida e negativa, escolha e satisfação com o curso de graduação, entre outras. Assim, as consequências se mostram tanto em aspectos individuais, podendo acarretar no desenvolvimento de transtornos mentais, como na própria trajetória acadêmica, podendo ocasionar evasão acadêmica. Nesse sentido, para que estes aspectos sejam melhor investigados, tem-se como objetivo geral analisar a percepção dos estudantes acadêmicos sobre as vivências acadêmicas, considerando dados sociodemográficos e as dimensões (pessoal, institucional, interpessoal, carreira e estudo) do Questionário de Vivências Acadêmicas - versão reduzida (QVA-r) de Almeida, Ferreira e Soares (1999). Os objetivos específicos referem-se à análise das percepções considerando dados sociodemográficos e as dimensões do QVA-r além de avaliar a associação entre percepções sobre as vivências acadêmicas e as condições de saúde mental do grupo avaliado. Trata-se de uma pesquisa quantitativa, que contribui com dados numéricos e porcentagens, transversal e observacional. A coleta de dados se deu através de um formulário online composto por dois instrumentos, sendo o primeiro um questionário sociodemográfico e o segundo o Questionário de Vivências Acadêmicas versão reduzida (QVA-r). Os participantes da pesquisa referem-se a estudantes ingressantes de três Instituições de Ensino Superior localizadas no município de Ponta Grossa (PR), pertencentes aos cursos da área das Ciências Biológicas e da Saúde. Ao todo, foram obtidas 419 respostas e os resultados foram analisados a partir de Análise Exploratória Descritiva, com cálculos de média e desvio padrão. As análises descritivas foram feitas a partir de testes *Kruskal Wallis* e *Anova*. Os resultados apontam que há uma diferença significativa na forma como os participantes percebem as vivências acadêmicas. As médias obtidas nas dimensões das vivências acadêmicas (Pessoal 2,91; Interpessoal 3,56; Carreira 3,89; Estudo 3,15 e Institucional 3,74) não possuem valores elevados, sendo as maiores médias nas dimensões Carreira e Institucional e as menores nas dimensões Pessoal e Estudo. Indivíduos com 38 anos ou mais, casados, que trabalham e possuem filhos, que moram com os pais ou com companheiros, que possuem diagnóstico de transtorno mental familiar, revelaram maiores níveis de adaptação às vivências acadêmicas em detrimento dos mais jovens, que moram com familiares, sozinhos ou com colegas/amigos, que não trabalham, que não possuem transtornos mentais. As possíveis razões pelos resultados obtidos estão envolvidas com falta de habilidades e competências na gestão do tempo e organização com as atividades acadêmicas e as particulares. Foi possível investigar as percepções que estudantes acadêmicos possuem a respeito das vivências acadêmicas e suas dimensões, considerando suas condições sociodemográficas bem como discutir as prováveis razões de ter chegado aos resultados obtidos avaliando as associações entre as percepções e a saúde mental discente. Entende-se que a saúde mental é prejudicada pela falta de recursos socioemocionais e psicológicos que devem ser cada vez mais estimulados por intervenções institucionais visando facilitar a adaptação ao contexto acadêmico.

Palavras-chave: Estudantes Universitários; Adaptação Acadêmica; Saúde Mental; Ciências da Saúde; Ciências Biológicas.

ABSTRACT

Entering the university context is marked by several environmental and social situations. Some are general, which will be experienced by everyone as a period of development that brings about psychological changes, for example. Others are more specific and can happen to some people as maladaptive coping mechanisms, lack of skills and functional resources to deal with new experiences, change of residence or city, separation from family and peers, socialization and communication problems, distorted and negative self-perception, habits and lifestyle, choice and satisfaction with the undergraduate course. Thus, the consequences are evident both in individual aspects, which can lead to the development of mental disorders, and in the academic trajectory itself, which can lead to academic dropout. In this sense, in order to better investigate these aspects, this study aims to analyze the perception of university students about their academic experiences, considering sociodemographic data and the dimensions (personal, institutional, interpersonal, career and study) of the Academic Experiences Questionnaire - reduced version (QVA-r) by Almeida, Ferreira and Soares (1999). In addition, it also aims to evaluate the association between perceptions of academic experiences and the mental health conditions of students. This is a quantitative research, which contributes with numerical data and percentages, transversal and observational, as it refers to a time cut of a specific population that experiences a phenomenon that is being observed and investigated without interventions. The target audience of the research is freshmen from three Higher Education Institutions located in the municipality of Ponta Grossa (PR), belonging to courses in the area of Biological Sciences and Health. In all, 419 responses were obtained and the results were analyzed using Descriptive Exploratory Analysis, with calculations of mean and standard deviation. The descriptive analyzes were made using Kruskal Wallis and Anova tests. The results indicate that there is a significant difference in the way participants perceive academic experiences. The means obtained in the dimensions of academic experiences (Personal 2.91; Interpersonal 3.56; Career 3.89; Study 3.15 and Institutional 3.74) do not have high values, with the highest means in the Career and Institutional dimensions and the lowest in the Personal and Study dimensions. Individuals aged 38 or over, married, working and with children, who live with parents or partners, who have a diagnosis of family mental disorder, revealed higher levels of adaptation to academic experiences than younger ones, who live with family members, alone or with colleagues/friends, who do not work, who do not have mental disorders. The possible reasons for the results obtained are involved with the lack of skills and competencies in time management and organization with academic and personal activities. It was possible to investigate the perceptions that university students have about their academic experiences and their dimensions, considering their sociodemographic conditions as well as discussing the probable reasons for having reached the results obtained by evaluating the associations between perceptions and student mental health. Strategies and possible actions are suggested to be developed in Higher Education Institutions such as thinking about emotional regulation strategies and exploring the field of extracurricular activities such as sports and cultural meetings. It is understood that mental health is impaired by the lack of socioeconomic and psychological resources that should be increasingly stimulated by institutional interventions aimed at facilitating adaptation to the academic context.

Keywords: University Students; Academic Adaptation; Mental Health; Health Sciences; Biological Sciences.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL	14
2.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS	14
3 CONTEXTO HISTÓRICO	15
3.1 SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO MUNDIAL E OS PROGRAMAS DE SAÚDE MENTAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR	15
3.2 UNIVERSIDADE, SAÚDE MENTAL E NEOLIBERALISMO	20
4 PERCURSO METODOLÓGICO	25
4.1 TIPO DE PESQUISA	25
CAPES	25
4.2 INSTRUMENTO E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS	27
4.3 POPULAÇÃO E LOCAL DO ESTUDO	29
4.4 ANÁLISE DE DADOS	30
5 RESULTADOS	33
5.1 REVISÃO DE LITERATURA	33
5.2 ESTADO DA ARTE DOS ESTUDOS SOBRE O TEMA SAÚDE MENTAL E ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS	45
5.3 AMBIENTE UNIVERSITÁRIO NO CONTEXTO PANDÊMICO E PÓS PANDÊMICO DA COVID-19	48
5.4 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS A PARTIR DA VARIÁVEL VIVÊNCIA ACADÊMICA GLOBAL DO FORMULÁRIO	53
5.5 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS E AS VIVÊNCIAS ACADÊMICAS	57
5.6 DADOS DO QUESTIONÁRIO DE VIVÊNCIAS ACADÊMICAS (QVA-R)	65
5.7 DIMENSÃO PESSOAL	66
5.8 DIMENSÃO INTERPESSOAL	69
5.9 DIMENSÃO CARREIRA	71
5.10	DIMENSÃO
ESTUDO	72
5.11 DIMENSÃO INSTITUCIONAL	74
6 LIMITAÇÕES DO ESTUDO	76
7 CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO	77
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	81
APÊNDICE A- CARTAS DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DAS INSTITUIÇÕES PARTICIPANTE	87
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	90
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	92
ANEXO A - QVA-r	93
ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	96

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia é uma ciência jovem e as discussões acadêmicas que tratam de investigar fenômenos comportamentais e emocionais ainda são recentes em comparação às demais ciências. De acordo com Abib (2009), a psicologia enquanto uma ciência nasce de uma proposta idealizada por Wilhelm Wundt (1832- 1920) e William James (1842-1910) no final do século XIX com a criação do primeiro laboratório de Psicologia experimental.

Nesse sentido, pode-se dizer que considerar o aspecto emocional do ser humano, foi por muito tempo algo negligenciado socialmente, pela própria ciência, por órgãos públicos e nas relações sociais. Os vínculos dinâmicos entre pensamentos, comportamentos, emoções e sentimentos, são aspectos do funcionamento cotidiano que se referem a Saúde, mais especificamente a Saúde Mental. De acordo com a Organização Mundial da Saúde(2020) saúde mental refere-se a um estado considerado de bem-estar no qual os sujeitos são capazes de perceber as próprias competências e habilidades, consegue dar conta dos estresses do dia-a-dia além de realizar atividade laboral de forma produtiva, além de conseguir contribuir em prol de sua comunidade.

Efetivamente discutir sobre saúde mental é colocar-se frente a um conceito amplo, plurívoco, complexo. De acordo com Silva e Floriano (2021, p.19), não é raro “nos deparamos com dificuldades para delinear o conceito de Saúde Mental e até mesmo o conceito de Saúde”. Isso se deve, em razão de sua definição estar atrelada a um estado negativo derivado do modelo Biomédico de não doença.

De acordo com as autoras, pensar a saúde como mera ausência de doença é equivocado. Para a presente pesquisa, tomando como referência o estudo acima referido, considera-se que a Saúde Mental como construção social é a expressão da vivência do indivíduo em determinado enquadre e portanto, deve tomada como um conceito aberto, no sentido de que os signos, significados e práticas variam. Assim, a saúde não se reduz a um único modelo explanatório na medida em que diversas formas de viver, sejam histórica, cultural ou individualmente determinadas, apresentam-se como possibilidades distintas de conceituá-la. (Silva e Floriano, 2021, p.20).

Além disso, a Saúde Mental, como afirmam Lacerda, Oliveira e Anselmo (2021), “é constituída de maneira transversal, estando presente em todos os espaços que ocupamos e nos momentos que vivemos”. (Lacerda, Oliveira e Anselmo, 2021, p. 35), daí, ao tratar-se de um processo vital e em desenvolvimento, a Saúde Mental constitui-se de uma somatória de cuidados comprometidos com o bem-estar e qualidade de vida.

Nesse processo, as pessoas sofrem impactos significativos da “cultura do meio em que está inserido, e, os diferentes contextos pelos quais o sujeito transita ao longo de sua vida têm interferência direta na construção de sua subjetividade, bem como de seus conflitos”, como afirmam Silva e Floriano (2021, p.20).

A que se considerar também, de forma geral, que as transformações sofridas pela sociedade global contemporânea têm afetado diretamente a Saúde Mental da população. São reflexos de uma configuração social com dados impactantes como mostra o Relatório Mundial de Saúde em 2002, ao afirmar que a depressão grave se tornou a causa principal de incapacitação no mundo todo, sendo ocupante do quarto lugar das dez principais causas de patologia em nível mundial (World Health Organization, 2002, p. 21).

De acordo com o Manual Diagnóstico dos Transtornos Mentais 5 (DSM-5), as características comuns à esse transtorno (depressão) referem-se à “presença de humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo” (DSM-5, 2014, p.155).

Em nosso país, de acordo com o Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância a Saúde e Ministério da Saúde, entre os anos de 2010 a 2019 houve no Brasil 112.230 mortes auto praticadas, ou seja, por suicídio. Isso representa 43% de aumento em relação ao número anual de mortes, passando de 9.454 em 2010 para 13.523 no ano de 2019 (Saúde, 2021, p. 2).

Ressalta-se ainda que a partir de 2020, o cotidiano vivido pela humanidade, foi drasticamente interrompido e/ou modificado com a pandemia da COVID-19, que rapidamente se espalhou pelo mundo, levando muitos a desenvolverem distúrbios e transtornos mentais quando não iam, de fato, a óbito (Floriano, 2021).

A obra de Floriano (2021) que discute sobre Saúde Mental no contexto pandêmico da COVID-19, focaliza essa realidade buscando entendê-la em diferentes grupos afetados, mostrando que o sofrimento emocional vivenciado nesse período histórico reverbera questões emocionais até o momento atual.

As experiências vividas podem estar carregadas de sofrimento emocional. Isso traz como consequência diversos riscos, e, em sua forma mais grave, o suicídio. A focalização desse processo de prejuízo à Saúde Mental, quando observado em parcelas sociais específicas, pode auxiliar na compreensão de como as experiências são vividas num determinado ambiente, tendo em vista que cada ambiente se diferencia em sua operacionalização, tal como afirma Hanzen (2022).

A saúde mental é influenciada por fatores individuais e condições coletivas de vida. Autoaceitação, nível de otimismo e estratégias de enfrentamento de problemas são aspectos pessoais. Desigualdade de renda, relações interpessoais, acesso a emprego e disponibilidade de serviços de saúde são condições sociais relacionadas à saúde mental (Hanzen, 2022).

Nesse sentido, chama a atenção um contexto que vem sendo alvo de diversas pesquisas científicas, em resposta à gravidade de problemas sociais que ali ocorrem: a Universidade e sua comunidade, principalmente os estudantes universitários e é sobre este grupo que a presente pesquisa se debruça, na tentativa de buscar dados da realidade em que se procura entender como vivenciam o contexto universitário.

Para o estudo em questão, é necessário inicialmente buscar compreender as razões pelas quais nesse público específico - estudantes universitários e no ambiente acadêmico - estão presentes sintomas de sofrimento mental e quais fatores estão associados a esse fenômeno que teve um maior agravamento no contexto pandêmico e pós-pandêmico da COVID-19.

Freitas et. al, (2007), por tratar-se de um novo ambiente e uma nova etapa de vida, a entrada ao ensino superior pode ser entendida como um processo multidimensional, que vai requerer da parte do/da estudante o desenvolvimento de habilidades adaptativas. Estas habilidades adaptativas podem ser desenvolvidas, ou não, pelas vivências acadêmicas considerando-se que tais vivências irão interferir no seu rendimento acadêmico.

Embora a discussão específica seja realizada na Seção Percurso Metodológico, a teorização sobre Vivências Acadêmicas, será feita aqui em forma breve, uma vez que é necessário seu entendimento, pois é o conceito central do QVAr (Questionário de Vivências Acadêmicas - versão resumida), do instrumento utilizado para a produção dos dados da pesquisa.

O Questionário de Vivências Acadêmicas é um instrumento de auto relato que procura avaliar o modo como os estudantes percebem as suas experiências acadêmicas no Ensino Superior, para a partir delas, inferir acerca da qualidade da sua adaptação ao contexto universitário. Disponível em duas versões (integral – QVA; e reduzida - QVA-r).

Há constatações no estudo de Ariño e Bardagi (2018) de que população universitária é vulnerável ao sofrimento mental, considerando que a entrada na vida acadêmica é marcada por situações contextuais que interferem na qualidade e/ou

dificuldades de adaptação à nova situação e acabam por se constituir como eventos estressores que irão impactar diretamente na vida e saúde dos estudantes.

O conceito de Vivências Acadêmicas defendido por (Almeida, et.al., 2001; Soares et al., 2011; Soares et. Al., 2006), compreende-se o modo como os estudantes experienciam sua vida acadêmica, ou seja, a forma como os estudantes universitários se adequam às demandas da universidade, considerando como se dão os processos de adaptação e integração destes ao ensino superior.

Para melhor compreender esses processos de adaptação e integração dos estudantes ao ambiente universitário, o estudo/ instrumento pioneiro do português Almeida et al, (1997) utilizada com mais frequência nos estudos brasileiros e internacionais, o QVAr, (Questionário de Vivencias Acadêmicas – versão resumida) é constituído por cinco dimensões que se Pessoal/Emocional, Curso/Carreira, Estudo, Interpessoal e Institucional (Ariño e Bardagi, 2018, p.26).

Para Soares et.al. (2015), ainda que se considere que circunstâncias objetivas, como fundamentais para o sucesso e permanência de estudantes no ensino superior, há também aspectos individuais, particularmente referentes à sua capacidade adaptativa, grau de vulnerabilidade e da capacidade de enfrentamento de situações estressoras tais como avaliações, relações com autoridades, dentre outras. Dessa forma, afirmam os autores que as singularidades que as vivências acadêmicas contêm “evidenciam que apenas o estabelecimento de um ambiente acadêmico e social apropriado à integração e ao desenvolvimento do aluno, embora desejável, não é suficiente se estudantes não o perceberem como um contexto propício que lhes oferece. (Soares et.al. 2015, p. 212)

Desta forma, os estudos mencionados indicam que o desenvolvimento de habilidades sociais, estratégias adaptativas de enfrentamento são ferramentas importantes e podem ser consideradas formas de intervenção relevantes para atenuar o sofrimento dos universitários e ajudar em sua adaptação.

Visto isso, este estudo toma como ponto de partida questionar a percepção das vivências acadêmicas pelo(as) estudantes universitários(as), buscando entender mais sobre como a experiência pode afetar a saúde mental dessas pessoas.

Para responder estas perguntas, este estudo organiza-se em seções. Além da Introdução, conta com uma seção destinada a contextualizar a temática do estudo, trazendo informações a respeito de como a questão da saúde mental foi sendo estudada dentro da universidade na história, o desenvolvimento das intervenções sobre esse problema em diversas universidades do mundo. Esta seção ainda conta com a

contextualização sobre as políticas neoliberais e sua ascensão dentro do sistema universitário e em como influenciam afetando a saúde mental da comunidade acadêmica. A relevância desta discussão é de levantar aspectos que configuram a multicausalidade dos problemas de saúde mental que estão sendo enfrentados dentro do contexto universitário.

Este estudo é composto por duas etapas de pesquisa. A primeira refere-se a uma revisão de literatura feita com o objetivo de ampliar os conhecimentos a respeito da temática saúde mental de estudantes universitários. Está descrita na seção Percurso Metodológico, juntamente com a descrição do método da segunda etapa de pesquisa, que se configura enquanto um estudo observacional transversal quantitativo.

Os resultados dessa pesquisa estão dispostos na seção de Resultados, na qual são apresentados os dados obtidos a partir do rastreamento de artigos, teses, dissertações, livros da revisão de literatura por análise temática. Em seguida, são apresentados os resultados obtidos a partir de um formulário aplicado com estudantes universitários, produzido para este estudo. A apresentação desses dados se dá da seguinte forma: primeiramente exposição e descrição dos resultados da primeira etapa do formulário que se refere ao questionário sociodemográfico, seguida da exposição e descrição dos resultados da segunda parcela do formulário que se refere ao Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA-r) produção de Almeida, Ferreira e Soares (1999).

Na seção de Discussão são debatidos os resultados em consonância com as pesquisas e obras que compõem o referencial teórico e outras, cujas contribuições sintetizam o que há de mais atualizado sobre o tema e que convergem com os dados encontrados na pesquisa.

Por fim, são apresentadas as seções de Contribuições e Limitações do estudo, seguido a Conclusão e as Referências.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Este estudo teve como objetivo geral investigar a percepção das vivências acadêmicas de estudantes universitários dos cursos das Ciências Biológicas e da Saúde em três Instituições de Ensino Superior localizadas em Ponta Grossa/PR. analisar a percepção dos estudantes acadêmicos sobre as vivências acadêmicas, considerando dados sociodemográficos e as dimensões (pessoal, institucional, interpessoal, carreira e estudo) do Questionário de Vivências Acadêmicas - versão reduzida (QVA-r) de Almeida, Ferreira e Soares (1999).

2.2 OBJETIVO ESPECÍFICOS

- Analisar a percepção dos estudantes acadêmicos sobre as vivências acadêmicas, considerando dados sociodemográficos e as dimensões (pessoal, institucional, interpessoal, carreira e estudo) do Questionário de Vivências Acadêmicas - versão reduzida (QVA-r) de Almeida, Ferreira e Soares (1999);

-Avaliar a associação entre percepções sobre as vivências acadêmicas e condições de saúde mental dos acadêmicos.

3 CONTEXTO HISTÓRICO

3.1 SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO MUNDIAL E OS PROGRAMAS DE SAÚDE MENTAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Esta subseção se debruça a expor um breve histórico da questão da saúde mental no contexto mundial, a partir do documento produzido e lançado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) no ano 2001, com o título: Saúde Mental: nova concepção, nova esperança. Em relação ao contexto específico, dos estudantes universitários, faz um percurso - ainda que breve - nos principais acontecimentos relevantes para o desenvolvimento das primeiras intervenções à saúde mental acadêmica. Além disso, procurou contextualizar variáveis envolvidas na política econômica neoliberal atuante no Brasil e em como ela atinge as Instituições de Ensino Superior, principalmente a partir dos estudos de Hahn et al. (1999) e Maia (2022).

O Relatório sobre Saúde Mental no Mundo 2001, produzido pela OMS trouxe valiosas contribuições sobre esse campo de conhecimento a partir da compreensão de que a saúde física e saúde mental são elementos de vida interdependentes e indissociáveis, necessários ao bem estar geral do indivíduo, da família, da sociedade e da comunidade, como também o entendimento de que as doenças físicas e as disfunções mentais e comportamentais são resultantes da interação e influência de fatores genéticos, biológicos, sociais e ambientais (Organização Mundial da Saúde, 2002).

Brito (2020) caracteriza o adoecimento mental em ambiente universitário, toma como referência o documento produzido em 2001 pela OMS (Organização Mundial da Saúde), Saúde Mental: nova concepção, nova esperança, em que importantes contribuições são feitas sobre este campo de conhecimentos a partir da compreensão indissociável de saúde física e saúde mental.

Constata-se pelos estudos da OMS que distúrbios mentais ocorrem em todas as regiões e culturas, sendo mais prevalentes a depressão e a ansiedade, estimando-se que 676 milhões de pessoas, quase uma a cada 10 pessoas do planeta, têm sofrimento mental.

Ao fazer referências a vários estudos feitos sobre saúde mental, Brito (2020), aponta que há uma série de determinantes relacionais a recursos pessoais, condições sociais, culturais, educacionais, políticas, econômicas e ambientais associados à saúde mental, que o contexto social, fatores psicológicos e biológicos podem influenciar o

estado mental dos indivíduos. Dificuldades socioeconômicas persistentes, as condições de vida e de trabalho desfavoráveis, discriminação e exclusão social, problemas de saúde, risco de violência e violação dos direitos humanos são condições associadas ao surgimento de sofrimento mental (Brito, 2020).

Considerando que os estudos da OMS, apontaram que mais de 300 milhões de pessoas sofrem de depressão e mais de 200 milhões de transtorno de ansiedade, condição muitas vezes ocorrem simultaneamente e trazem sérias consequências em termos de perda da saúde e incapacidade, razões pelas quais escolheu a depressão como tema do Dia Mundial da Saúde em 2017 e que teve como lema “Vamos conversar” com o objetivo de refletir sobre o problema, levando informações sobre a doença e suas formas de tratamento como também reduzir o estigma a ele associado como afirma Brito (2020).

A depressão também está associada a outras doenças e transtornos não transmissíveis e nos casos mais graves, ao suicídio, que segundo a OMS, foi responsável por cerca de 1,5% de todas as mortes do mundo, dos quais 78% dos casos ocorreram em países de baixa e média renda, aparece como a segunda principal causa de morte de jovens entre 15-29 anos, em 2015 como afirma Brito (2020).

Um dos estudos de referência, no início do século XX, no que diz respeito ao cenário mundial, especificamente nos países norte-americanos, são os Hahn et al. (1999), fazendo apontamentos sobre as preocupações sobre a saúde mental que estavam muito mais voltadas para a saúde física do que especificamente à saúde mental dos acadêmicos.

Os autores citam que a busca dos serviços existentes nessa época visava encontrar doenças orgânicas e promover saúde através da recreação. Embora outras situações estivessem evidenciadas, “os problemas dos universitários eram percebidos como sendo de natureza educacional ou espiritual, e quem devia se responsabilizar por esses problemas eram os tutores e os conselheiros religiosos (Hahn et al., 1999, p.82).

Um acontecimento importante refere-se ao primeiro programa voltado à saúde mental inserido na universidade que se tem registro que foi desenvolvido nos EUA, na Universidade de Princeton em 1910. O referido serviço tinha ênfase no atendimento de alunos que já estavam com algum sintoma psiquiátrico desenvolvido. A psiquiatria voltada para universitários naquela época focava não somente no indivíduo, mas em como este se relacionava com o social ao seu redor, avaliando também problemas comunitários. Outro acontecimento que merece destaque refere-se ao progresso na disponibilidade de alternativas para acadêmicos que enfrentavam problemas de saúde mental, isso na década de 20, quando algumas universidades dos EUA como Yale,

Vassar, Dartmouth e Washburn College desenvolvem “serviços, cursos e sistemas de aconselhamento para o seu alunado” (Hahn et al., 1999, p. 83).

As pesquisas desenvolvidas a partir desse momento histórico, estavam direcionadas a estimar aspectos quantitativos e visavam determinar a porcentagem de graduandos que apresentavam alguma necessidade de atendimento na área da saúde mental de acordo com Hahn et al. (1999). Ademais, os autores citam um estudo considerado de grande abrangência nos EUA e Canadá, realizado em 1956 em 99 faculdades a respeito da frequência em relação ao uso de serviços de atendimento aos alunos. O estudo conclui uma média de 4,7% de uso.

Ainda trazendo aspectos do cenário mundial em relação à temática, no que diz respeito aos países Europeus, no ano de 1951 há um acontecimento que merece ênfase: a alta no suicídio de alunos graduandos em Oxford, 11 vezes maior que na população de mesma faixa etária segundo estudo de Hahn et al. (1999). Esse feito trouxe um olhar mais atento para problemas desse cunho ao grupo de acadêmicos a partir de então, tanto que no mesmo ano há a criação da *British Student Health Association* por alguns psiquiatras.

Esse acontecimento acabou sendo referido em pesquisas que ultrapassaram o limite territorial da Inglaterra, sendo citado na Revista da Associação Médica Canadense, em 1970 um estudo intitulado “Student Mental Health” por exemplo, como afirmam Hahn et al. (1999). Sobre esta publicação e suas conclusões, os autores afirmam que:

Reino Unido e nos Estados Unidos de 1 a 2% dos universitários, ao longo de um período de três a quatro anos, irão desenvolver uma doença mental grave, requerendo hospitalização; 10 a 20% terão as doenças de forma moderada, requerendo psicoterapia; e outros 20% terão comprometimentos leves, requerendo somente apoio e medicação de suporte (Hahn et al., 1999, p.84).

Além disso, os autores discorrem sobre como na década de 70 em diante, “passa a haver maior integração e consenso entre os continentes americano e europeu sobre as questões relativas à doença/saúde mental do estudante universitário” (Hahn et al., 1999, p.84). Ainda é citado os primeiros relatos de equipe multidisciplinar direcionado a atender essa parcela populacional composta por médicos, psicoterapeutas, assistentes sociais que forneciam psicoterapia individual por abordagem analítica, além de auxílios pedagógicos para problemas determinados.

Trazendo a discussão para a população brasileira, os estudantes universitários do curso de Medicina foram o primeiro alvo das intervenções de assistência psicológica e psiquiátrica, que em 1957 foi desenvolvida pela Universidade do Recife, mesmo esse

serviço de assistência ter sido projetado com o objetivo de atender toda a universidade (Hahn et al., 1999). Segundo os autores, esse foi o primeiro serviço de Higiene Mental e Psicologia Clínica voltado a acadêmicos no Brasil. No que se refere ao conceito:

O serviço definia a tarefa de higiene mental universitária como consistindo na ajuda ao estudante para superar o conjunto de tensões e dificuldades ao qual ele era submetido na universidade e as dificuldades de ordem emocional (Hahn et al., 1999. p. 85).

De acordo com estudo de Loreto (1965), a contribuição à conclusão da formação e melhor equilíbrio da personalidade visavam ser as consequências dessa assistência estudantil em que foram observadas duas demandas na assistência estudantil em relação a população de acadêmicos. Havia alguns com distúrbios psicológicos que necessitariam da assistência psiquiátrica enquanto que outros, com problemas emocionais, iriam requerer intervenções psicológicas, ou seja, o trabalho e especialidade da ação da psicologia clínica. Segundo os achados da pesquisa, Loreto (1965) identifica como “intuito desses programas de assistência à saúde mental, era a de oferecer um serviço focalizado em prestar auxílio aos estudantes em suas dificuldades correntes, além de dedicar-se à pensar em estratégias de prevenção”. (Loreto, 1965, p. 262).

Nos estudos de Hahn et al. (1999) é apresentada uma pesquisa realizada na Escola Paulista de Medicina (EPM) que utiliza metodologia de coleta autobiográfica com intuito de analisar a personalidade do estudante do curso de Medicina. Este estudo faz uso de um questionário que objetiva compreender sobre dois aspectos: profissão médica e valores morais. A referida pesquisa demonstra como a questão da saúde mental nas universidades estava, aos poucos, sendo enfatizada, principalmente nas pesquisas com alunos de medicina que, de acordo com Hahn et al. (1999) estão “envolvidos nas questões de saúde em geral, do próprio meio, e de futuros colegas” (Hahn et.al., 1999, p. 86).

Verifica-se que mais estudos foram feitos, dedicados ao fim de compreender melhor sobre a saúde mental de acadêmicos, utilizando de questionários direcionados àquele público, considerando os dados demográficos de cada resposta. As conclusões chegam aos mesmos desfechos no que diz respeito à necessidade de um serviço assistencial de auxílio psicológico que trabalhe não só atendendo aos sintomas de algo que já acarreta o alunado universitário, mas em como prevenir esse tipo de demanda institucional.

Outra categoria de estudos que é citada por Hahn et al. (1999) referem-se

aquelas destinadas a entender os fatores que influenciam acadêmicos a buscarem ajuda. Além disso, estudo sobre as razões para preferir o uso de terapia breve com universitários também é citado. Pesquisas a respeito da frequência de distúrbios mentais em acadêmicos também são apresentadas, a qual relata ansiedade e medo, sinais de depressão e dificuldades nos relacionamentos como aspectos presentes na vida desses indivíduos.

Outras contribuições científicas retratam comparações entre universitários e a população geral. As metodologias dos estudos apresentados são parecidas, muitos se utilizam de instrumentos psicométricos, questionários de auto percepção, escalas padronizadas e também entrevistas geralmente aplicadas com profissionais da área da saúde mental. Há estudos que utilizam essas metodologias combinadas como afirmam Hahn et al. (1999) e são exemplificadas.

As principais conclusões dos estudos de Hahn et al.(1999) que focam nos usuários dos serviços assistenciais concluem que “as necessidades de saúde mental dos estudantes não podem ser identificadas e compreendidas unicamente com base nesse público” (Hahn et.al, 1999, p.87). Há grupos de estudantes que não estão sendo assistidos por profissionais e; é necessário a instituição direcionar mais investimentos para essa demanda, administrativos e econômicos, que permita a “integração do serviço de saúde mental, educação em saúde, e assuntos estudantis, de tal forma que eles trabalhem em mútua colaboração” (Hahn et.al., 1999, p.87).

Daí, serem consideradas como relevantes do estudo de Hahn et al. (1999):1) as pesquisas mais frequentes eram voltadas para os alunos de Medicina; 2) “grande parte das pesquisas desenvolvidas por estudantes universitários não se atém à diferenciação de cursos ou áreas escolhidas pelo alunado” (ibid, p.87). As criações dos serviços de atendimento e auxílio à saúde mental dos estudantes universitários podem ser consideradas importantes acontecimentos na conjuntura que constrói esse fenômeno social. Segundo Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), os programas de assistência estudantil voltados para a questão da saúde mental, que surgiram no início do séc. XX nos EUA, “atualmente se encontram difundidos nas universidades do mundo inteiro” (ibid, p. 257).

A partir da década de 90, de acordo com as autoras,

Em 1994, iniciou-se atendimento aos universitários na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, atendimento que evoluiu, em maio de 2000, para a criação do Centro de Atendimento Psicológico (CAP/UEMS) (Cerchiari; Caetano; Faccenda, 1999, p. 254).

Nesse aspecto específico do ambiente acadêmico, Brito (2020) revela que em sua revisão bibliográfica que é vasta a publicação de artigos que têm como objeto de investigação a ocorrência de transtorno depressivos e de ansiedade em universitários, cujo resultado “sugerem que o ambiente acadêmico é potencialmente rico em experiências geradoras de estresse. E embora as taxas de prevalência variem, os estudos mostram que tais problemas são mais comuns entre os cursos de saúde”. (Brito, p. 44).

Nos estudos com acadêmicos de graduação, as condições de sofrimento mental são potencialmente relacionados a muitos fatores, dentre os quais se destacam as dificuldades financeiras, ausência ou insuficiência de uma rede de apoio, dificuldade nas relações interpessoais, ao ambiente acadêmico e competitividade, exigências acadêmicas excessivas, bem como experiências emocionalmente tensas que envolvem contato com o sofrimento, com a dor e o atendimento a pacientes graves, o que denota uma elevada ocorrência de transtornos depressivos entre estudantes das áreas da saúde. (Brito, p. 45).

Os achados da autora em sua revisão de literatura revelam que o percurso do jovem universitário da área da saúde é marcado por muitos desafios que se somam às circunstâncias que permeiam a passagem para a vida adulta e a transição da dependência para a autonomia e para o mundo do trabalho.

É uma fase no qual se confrontam com um conjunto de dificuldades e com novas responsabilidades que podem estar na origem do sofrimento mental. Além disso, fica evidente que aquele que, no futuro, serão fornecedores de cuidados de saúde para a população precisam de atenção”, cabendo as instituições, propor medidas protetivas e preventivas deste problema (Brito, p. 48).

Diversos programas voltados para o mesmo fim foram sendo desenvolvidos por diversas instituições no Brasil a partir de 90, trazendo mais atenção para a questão da saúde mental na universidade. A respeito disso, o sistema político econômico mundial capitalista, em seu modo neoliberal, seguido pelo Brasil, também faz parte da conjuntura da demanda de saúde mental universitária, configurado enquanto um cenário que contribui para o aparecimento do fenômeno social que aqui se relata.

3.2 UNIVERSIDADE, SAÚDE MENTAL E NEOLIBERALISMO

Embora a discussão do neoliberalismo como sistema político e econômico, cultural e educacional não seja central no desenvolvimento desse estudo, não é possível falar

em adoecimento mental em estudantes universitários sem referenciá-lo, ainda que não na profundidade necessária.

O sofrimento humano é recorrente à história humana. Assim como o conflito, o sofrimento é parte da vida humana. Só numa sociedade em que o *ethos* capitalista, neoliberal e consumista, em que se tem que ser feliz o tempo todo, é possível o sofrimento humano. Maia (2022) descreve em seu estudo a compreensão do neoliberalismo sobretudo como:

[...] racionalidade que configura nosso modo de ser e estar no mundo nos permite entender como são moldadas nossas relações sociais, a forma como gerimos o nosso tempo, o ritmo acelerado que impomos a nós mesmos, a pressão constante pela produtividade em forma de autocobrança e, em especial, as novas formas de sofrimento que experienciamos (Maia, 2022, p. 10).

Para situar o sofrimento como uma experiência universalmente humana, o autor assevera que a expressão objetiva desse sofrimento no mundo se dá através de determinadas circunstâncias históricas, culturais e sociais, pontuando:

Essas experiências negativas são moldadas objetivamente pela singularidade existencial de cada sujeito, ainda que sob determinações históricas e sociais. Assim, nossas formas de sofrer estão permeadas por uma gramática radicalmente social (Maia, 2022, p. 29).

Sobre como os sujeitos podem, através do questionamento do seu sofrimento, seja para a sujeição, ou ruptura, Maia (2022) afirma que esses sujeitos tem a possibilidade de “construir uma contracultura do reconhecimento, criar novas formas de sociabilidade, transformando a dor em vínculos éticos mais fortes e maduros que apontem para potenciais emancipatórios” (Maia, 2022, p.53).

Ainda relata o autor, que o alerta das organizações de saúde do mundo sobre a depressão como uma situação quase epidêmica, é um panorama que vem se desenhando com cada vez mais nitidez, como indica o relatório de 2009, da Organização Mundial de Saúde.

A prioridade de cada existência é, antes de mais nada, manter-se vivo. É sob essa lógica perversa - no sentido de impor uma determinada maneira de viver- que o neoliberalismo gesta, administra e conduz o sofrimento humano, daí, Maia (2022) partir em seu estudo do pressuposto de que essa perversão está também presente nas universidades brasileiras e reproduzem em maior e menor medida tendências da racionalidade liberal, de forma que seja possível relacionar tais processos com os índices

elevados de adoecimento mental e assim criar uma massa de estudantes em “curto-circuito”.

Assim, se, a depressão, a ansiedade e o esgotamento são sintomas de uma mal-estar de nossa época, pergunta-se Maia (2022), como o mundo acadêmico reproduz esse ambiente e esses sintomas? Mais do que um projeto político e econômico, é uma nova forma de vida sob o capitalismo, um novo campo de produção de sujeitos, ou seja: o que o neoliberalismo prega em sua intervenção é essencialmente, uma transformação dos sujeitos em seu horizonte de ação e subjetividade (Maia, 2022, p. 111).

Por certo, a educação é instrumentalizada como um privilegiado aparelho reproduzidor da ideologia neoliberal, cujas reformas em especial ativeram-se em alterar a relação do Estado com os serviços não exclusivos ao Estado, em especial as escolas e universidades.

Maia (2022) afirma que,

Foi no início dos anos de 1990 que se iniciou o processo neoliberalizante das políticas públicas brasileiras, e essa reengenharia institucional, que teve seu ápice nos governos de Fernando Henrique Cardoso (FHC), findou na criação do Ministério da Administração Federal e da Reforma do Estado (Mare) (Maia, 2022, p.112).

A fundação do Mare foi um importante acontecimento, não somente por objetivar alterar “todo aparato burocrático e dos modelos de intervenção estatal na economia, na infraestrutura e nos serviços sociais” (ibid idem), mas pela forma como este

Ministério atingiu as Instituições de Ensino Superior no Brasil. A respeito disso, Maia (2022) cita que houveram reformas das funções e formações universitárias por meio de ideias de habilidades e competências, além do incentivo fiscal às instituições privadas no país.

Entretanto, a partir de 2000, “a América Latina passou por um desgaste dos governos neoliberais” (ibid, p.113) e os governos mais esquerdistas e centoesquerda ascenderam. No Brasil, as eleições elegem nessa época Luís Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores (PT). Contudo, o processo de reforma neoliberal seguiu mesmo com a esquerda no comando e “a educação, em especial o ensino superior, que é diretamente gerido pelo Governo Federal, foi alvo dessas reformas” (Maia, 2022, p.117).

No governo FHC, de acordo com Maia (2022) houve resistência à privatização das universidades públicas, mas, “há diversas formas de privatizar sem necessariamente entregar totalmente a gestão do ensino superior ao controle pelo

capital privado” (ibid, p.117). Uma dessas estratégias é inserir a instituição pública numa “gestão mercadológica, invertendo a prioridade do público para o privado”.

Esses fatos citados que compõem a história das instituições brasileiras de ensino superior criam todo um cenário de vários acontecimentos importantes que contribuem até hoje para o adoecimento mental presente na universidade. A lógica empresarial, pautada em produção, resultado econômico, custo e benefício se configurou e ganhou força com o movimento Todos Pela Educação, que com o apoio do setor privado “pautava a importância da educação para o desenvolvimento social”. (Maia, 2022, p.118).

Segundo Maia (2022), de 1995 a 2005 houve uma grande redução no repasse de verbas para as instituições federais, que aos poucos foram recebendo cada vez menos investimentos econômicos. Esse acontecimento marca profundas mudanças no cenário conjuntural cujo qual aqui se descreve.

Um exemplo dessas mudanças é quando nessa mesma época, no que se refere aos docentes, ou seja, os professores que fazem parte da comunidade acadêmica que mantém a qualidade e funcionamento das universidades, são afetados pela perda salarial de 21,29% além de sofrerem pressões por titulação quando “foi-se criando mecanismos para exigir cada vez mais capacitações” e por “produtividade, em que gestou-se todo um sistema de gratificações, premiações, avaliações etc., com o intuito de forçar um aumento da produção científica” (Maia, 2022, p.120).

As características neoliberais que marcam o funcionamento e determinam uma nova dinâmica nas universidades no Brasil são fundamentais para refletir a saúde mental na acadêmica, tendo em vista que,

Neoliberalismo é mais do que uma política econômica que altera o tipo de intervenção estatal e de ajustes fiscais, mas também uma forma de vida, uma forma de vivenciar experiências, de se relacionar socialmente e de agir- uma forma de organizar a vida (Maia, 2022, p.120).

No que pese o sofrimento mental, ou seja, o adoecimento emocional que produz toda uma demanda institucional de problemas na saúde mental de estudantes, mas que se estende para toda comunidade acadêmica, este pode ser considerado um produto sociocultural, já que vivencia um profundo agravamento com a implementação da lógica neoliberal na instituição universitária. Sabe-se que as condições de trabalho são fundamentais para que se tenha qualidade de vida e, nesse sentido, a academia sofre de diversas formas consequências por conta,

De um ambiente sufocante em termos de pressão física e mental, afinal, se por um lado mais campus foram construídos, aumentando muito as matrículas e, conseqüentemente, o número de estudantes, por outro o número de professores, técnicos e, especialmente, de verbas pouco cresceram ou até mesmo diminuíram. (Maia, 2022, p.121).

Os aspectos neoliberais trazem um novo tipo de sofrimento à academia, como discutido anteriormente, por uma série de acontecimentos que formam a conjuntura em que o fenômeno da saúde mental se desenvolve. Atualmente, de acordo com Pinto e Floriano (2021) existem alguns fatores que podem ser considerados na produção das condições em que fica a Saúde Mental dos estudantes, sendo eles “percepção da experiência acadêmica, percepção negativa sobre a escolha do curso e percepção da competência pessoal para a carreira escolhida” (ibid, p.73).

Entende-se importante discutir sobre acontecimentos atuais, como por exemplo, o seguimento das políticas neoliberais, que nos últimos anos, tem ganhado mais força e se disseminado ainda mais dentro da academia e na individualidade dos sujeitos, e como esses fatores contribuem para o adoecimento de estudantes.

Além disso, verifica-se fundamental discutir sobre outros fatores presentes no ambiente, cultura e cotidiano acadêmico que formam as atuais conjunturas dessa população.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 TIPO DE PESQUISA

Duas etapas de pesquisa foram produzidas: a primeira refere-se à revisão de literatura. Esse método refere-se aos “processos de busca, análise e descrição de determinado assunto ou campo do conhecimento em busca de maior delimitação sobre um campo de pesquisa” de acordo com Flor et al. (2022). O objetivo da revisão de literatura deste estudo resume-se em contextualizar sobre o principal tema da pesquisa e trazer informações de pesquisas científicas recentes sobre a temática.

Tendo em vista que o processo de produção da pesquisa científica ocorre em etapas e em 24 meses, muitas alterações ocorrem nesse percurso. A revisão de literatura foi produzida em um momento no qual as palavras chaves do estudo não eram as mesmas presentes no início desta dissertação. Ainda assim, considera-se relevante apresentar os resultados desse rastreamento.

Portanto, foi realizada uma busca por artigos científicos em bases de dados nas seguintes plataformas digitais: Scielo, Periódicos da CAPES e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram utilizadas como descritores de busca “Saúde mental”, “Universidade”, “Ciências da Saúde”, “Estudantes Universitários” e como operador booleano “AND” ligando as palavras. Segue abaixo uma tabela contendo as informações dos achados desse rastreamento:

Tabela 1 – Número de artigos encontrados por Bases de dados.

Base de dados	SCIELO	PERIÓDICOS DA CAPES	BVS
nº de artigos	7	20	94 encontrados

(Fonte: A autora, 2024).

Na próxima tabela estão os resultados encontrados a partir da aplicação de um filtro, afinando a busca para pesquisas publicadas a partir do ano de 2020:

Tabela 2 – Número de artigos por Bases de dados

Base de dados	SCIELO	PERIÓDICOS DA CAPES	BVS
ANO 2020-2023	4	9	22

(Fonte: A autora, 2024).

Dos artigos restantes, totalizaram-se 36 artigos científicos filtrados pelo tempo de 2020 a 2023. Os critérios de inclusão configuram os artigos que foram publicados a partir do ano de 2020 ao ano de 2023, nos idiomas Inglês, Espanhol e/ou Português e que discutem a respeito da temática da saúde mental em universitários, em especial, as pesquisas que se referem aos graduandos das Ciências Biológicas e da Saúde, mas não se resumindo somente a elas. Já os critérios de exclusão referem-se aos artigos duplicados que foram excluídos permanecendo somente uma versão para análise, artigos que não abordassem uma discussão congruente ao tema referido e que não tinham acesso online disponível gratuitamente.

Após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados o total de 20 artigos para análise. Os achados dos artigos serão debatidos a partir da Análise Temática. Segundo Souza (2019) a Análise Temática refere-se a um método que busca identificar, analisar, interpretar e relatar padrões ou temas. Além disso, permite que o banco de dados de uma pesquisa seja descrito e organizado em detalhes.

O método referido, proporciona que sejam realizadas análises interpretativas de dados e tem sido amplamente utilizada em teses, dissertações, monografias, trabalhos de conclusão de cursos e demais pesquisas científicas na área da Psicologia como afirma Souza (2019), relevante para temas como saúde mental.

A segunda etapa de pesquisa possui um método diferente. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quantitativa, do tipo transversal, observacional, tendo em vista o recorte temporal sem seguimento, uma população bem definida, o fato do fenômeno pesquisado ser observado e mensurado de uma única vez. Trata-se de uma pesquisa em que é captada uma amostra aleatória de uma determinada população (Lilacs, 2021). Além disso, a pesquisa se caracteriza como observacional pois, como afirma Romanowski, Castro e Neris (2019), “o investigador atua meramente como expectador de fenômenos ou fatos, sem, no entanto, realizar qualquer intervenção que possa interferir no curso natural e/ou no desfecho dos mesmos”.

A pesquisa também conta com o levantamento de informações envolvendo “interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer” (Silva e Menezes, 2001, p. 21).

A presente pesquisa também se classifica como abordagem quantitativa pois “considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las” (Silva e Menezes, 2001, p. 20).

4.2 INSTRUMENTO E TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

Os instrumentos que são utilizados para coletar os dados da pesquisa trazem resultados em pontuações numéricas, o que requer análise quantitativa. Além de um questionário sociodemográfico (Apêndice C) produzido pela pesquisadora, outro instrumento utilizado denomina-se Questionário de Vivências Acadêmicas versão reduzida (QVA-r) (Almeida, Ferreira e Soares, 1999) (Anexo A). Ambos os instrumentos compõem o formulário desta pesquisa.

Ao total foram três instituições que participaram da pesquisa sendo elas Universidade Estadual de Ponta Grossa (Instituição A), Cescage (Instituição B) e UniCesumar (Instituição C), localizadas no município de Ponta Grossa. Todas as Instituições participantes da pesquisa emitiram um documento autorizando a colaboração com a pesquisa (Apêndice A) deste estudo.

O contato para coletar os dados foi realizado inicialmente com os coordenadores dos cursos das Ciências Biológicas e da Saúde de cada uma das Instituições através de e-mail. Reuniões presenciais e remotas foram feitas para ajustar as possibilidades de aplicação do formulário com estes coordenadores. Após receber a autorização dos setores de Biológicas e Saúde, foi entrado em contato com os professores que poderiam disponibilizar um tempo para a aplicação do formulário, de forma presencial, pensando na aderência de participação por parte dos estudantes. Cada Instituição, com seus respectivos professores, cedeu em torno de 25 minutos de aula para a aplicação do questionário. A pesquisadora esteve presente em cada uma das aplicações fornecendo as instruções (Apêndice C e Anexo A) iniciais do formulário apresentando a proposta da pesquisa, bem como, ressaltando a importância da participação de todas as pessoas, mesmo que não obrigatória, para contribuição para produção científica brasileira.

A primeira etapa do formulário é composta por uma série de perguntas que buscam investigar o estado socioeconômico dos estudantes participantes da pesquisa.

São questionados idade, sexo, estado civil, se possuem alguma atividade laboral e tem relação com o curso em que estão, se recebem recursos da Universidade, com quem moram, se possuem filhos, se moram com os filhos, qual curso estão se graduando, se possuem diagnóstico de transtorno mental e se há diagnóstico de transtorno mental na família. As possibilidades de respostas variam de acordo com a pergunta. As possibilidades de resposta variaram de acordo com o questionamento (Apêndice C). Na questão sobre faixa etária, foram colocadas opções com intervalo de idade por exemplo. Na questão sobre qual era a graduação em que estava matriculado, os cursos foram distribuídos em opções de respostas, mas a maior parte de opções de resposta são “sim” e “não” para demais perguntas.

Já a segunda etapa do formulário corresponde ao QVA-r, fruto da pesquisa de Almeida, Ferreira e Soares (1999), o questionário é originalmente constituído em 60 itens subdivididos em cinco dimensões que, de acordo com Rodrigues et. al (2019), são: (1) pessoal: refere-se a avaliação bem-estar tanto físico quanto psicológico, equilíbrio emocional, estabilidade afetiva, otimismo e autoconfiança; (2) interpessoal: diz respeito a avaliar relações com colegas, competências da relação interpessoal com mais intimidade, fortalecimento de laços de amizade e capacidade da busca por ajuda; (3) carreira/vocacional: refere-se a avaliação sobre sentimentos envolvidos com o curso de graduação, percepções futuras de vida profissional e projetos vocacionais; (4) estudo: avaliação referente aos hábitos de estudo e gestão do tempo, uso de recursos que favorecem aprendizagem disponibilizados pela instituição e preparação a provas/testes; (5) institucional: avalia apreço dos estudantes pela universidade que frequentam, vontade de permanecer ou mudar de instituição, bem como o apreço frente a infraestrutura, os serviços e conhecimento que são ali oferecidos (Almeida, Ferreira e Soares, 1999).

Os pesquisadores Granado, Santos, Almeida, Soares e Guisande (2005) foram os responsáveis pela adaptação do QVA-r para o Brasil. Em sua versão brasileira, o QVA-r sofreu algumas alterações que resultaram na retirada de 5 dos 60 itens, totalizando em 55 questões (Granado, Santos, Almeida, Soares e Guisande, 2005).

As questões constantes do QVA-r são respondidas através da escala LIKERT constituída de 5 opções de resposta (de 1 a 5), sendo: 1- nada a ver comigo, nunca acontece, discordo totalmente à 5- tudo a ver comigo, sempre acontece, concordo totalmente. Nesse sentido, a pontuação do questionário pode variar de 55 a 275 pontos (Goulart, 2017).

A presente pesquisa teve seu projeto submetido à Plataforma Brasil e têm seu Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) aprovado pelo protocolo de pesquisa sob número CAAE 69820923.2.0000.0105 e Parecer 6125159 (Anexo B).

4.3 POPULAÇÃO E LOCAL DO ESTUDO

A amostra deste estudo foi composta por estudantes ingressantes (primeiro ano do curso) na universidade e pertencentes aos cursos de Ciências Biológicas e Ciências da Saúde de três universidades, sendo duas instituições particulares e uma pública, no município de Ponta Grossa/PR. Os critérios de inclusão referem-se a todas as pessoas devidamente matriculadas nas instituições. Os critérios de exclusão foram aplicados aos alunos que estavam em regime de dependência, não matriculados, não pertencentes aos cursos das Ciências Biológicas e da Saúde.

Os cursos participantes desta pesquisa estão apresentadas no Quadro 2 a seguir:

Quadro 1- Cursos de Graduação das Instituições de Ensino Superior participantes da pesquisa.

CURSOS	INSTITUIÇÃO A	INSTITUIÇÃO B	INSTITUIÇÃO C
Biomedicina			X
Ciências Biológicas (Bacharelado e Licenciatura)	X		X
Educação Física (Bacharelado e Licenciatura)	X		X
Enfermagem	X		
Farmácia	X		X
Nutrição		X	X
Odontologia	X	X	X
Psicologia		X	X
Estética			X

Fonte: (A autora, 2024).

A delimitação desse público justifica-se primeiramente pela necessidade de delimitar uma pesquisa que fosse viável ao tempo disponibilizado para fazê-la considerando que, de acordo com Pinto e Floriano (2021, p.71),

O Estado do Paraná, no ano de 2017, dentre as categorias Bacharelado, Licenciatura e Tecnológico, nas instituições públicas ou privadas, totalizou 201.459 universitários ingressam. No município de Ponta Grossa, no mesmo período, esse número foi de 9,151[...] estudantes (Pinto, Floriano, 2021, p.71).

Considera-se também as conclusões de Paro e Bittencourt (2013, p. 369) de que “são escassas as investigações que avaliam e comparam a qualidade de vida de estudantes de vários cursos da área da saúde simultaneamente”. Além disso, profissionais da saúde enquadram-se dentro das áreas profissionais em que o serviço exige contato direto com os usuários assim como acontece com policiais, agentes penitenciários e educadores por exemplo. De acordo com Codo e Vasques- Menezes (2000, p. 238), existe “um desgaste do trabalhador que se envolve afetivamente com os clientes” o que pode resultar na síndrome do esgotamento, conhecida como Burnout. Em relação às atividades produzidas nesses setores profissionais, os autores afirmam: “cuidar exige tensão emocional constante, atenção perene; grandes responsabilidades espreitam o profissional a cada gesto no trabalho” (ibid idem). Os primeiros contatos com esta realidade dos profissionais da área ocorrem ainda no período de formação profissional na universidade.

De acordo com Silva (2000), estudantes dos cursos da área da saúde deparam-se com sofrimento humano durante a graduação em suas atividades de estágio. Conclusões de sua pesquisa indicam evidências que revelam que os “alunos dos cursos de saúde apresentam os maiores índices de sofrimento psíquico” (ibid, p.1). Estes fatos trazem um alerta sobre este grupo e é a partir deles que se deseja conhecer mais a fundo sobre a realidade com a qual convivem.

4.4 ANÁLISE DE DADOS

Para que fosse possível realizar as análises estatísticas referentes ao QVA-r, os dados passaram por alguns tratamentos. Um deles foi a alteração dos valores dos itens que continham uma negativa. Esse foi um procedimento necessário para que o valor 5 da escala LIKERT (corresponde à concordância total) sempre fosse a melhor condição de resposta dos participantes assim como, em contrapartida, o 1 fosse a pior condição de resposta dos indivíduos.

Além disso, esse processo foi fundamental para evitar qualquer tipo de alteração no resultado das médias e, conseqüentemente, na realidade dos aspectos que foram investigados. Nesse sentido, enfatiza-se que quanto maiores as médias, mais adaptados

estariam os estudantes à dimensão específica avaliada das vivências acadêmicas. Em contrapartida, quanto menores fossem as médias, menos adaptados estariam em relação às respectivas dimensões das vivências acadêmicas.

A análise exploratória descritiva de dados buscou estabelecer a média e desvio padrão tanto dos dados sociodemográficos quanto das cinco dimensões (pessoal, interpessoal, carreira, estudo e institucional) que compõe os dados do QVA-r. A Análise Exploratória Descritiva de dados quantitativos se configura como um processo estatístico voltado à exploração e descrição pormenorizada dos dados, a fim de identificar padrões, tendências e características significativas. Constitui uma etapa preliminar na abordagem dos dados, empregando técnicas estatísticas e gráficas para sintetizar e representar visualmente as informações presentes nos dados, conferindo insights sobre o conjunto de dados em análise.

Os resultados da análise exploratória descritiva serão apresentados com auxílio de tabelas na seção de Resultados e as interpretações estão dispostas na seção Discussão.

Na sequência, foi criada uma variável chamada “Percepção global das vivências acadêmicas” em que se fez a média de todas as variáveis que compunham o QVA-r. Além disso, criou-se a partir das dimensões (pessoal, interpessoal, carreira, estudo e institucional) a média dos respectivos itens de cada dimensão conforme descrito na tabela que se segue:

Tabela 5. Descrição dos itens que compõe cada dimensão do questionário de Vivências Acadêmicas - versão reduzida.

DIMENSÕES	ITENS
PESSOAL: refere-se avaliação bem-estar tanto físico quanto psicológico, equilíbrio emocional, <u>estabilidade afetiva, otimismo e autoconfiança</u> ;	4,6,9,11,13,17,20,23,25,27,34,40,47,50
INTERPESSOAL: diz respeito a avaliar relações com colegas, competências da relação interpessoal com mais intimidade, fortalecimento de laços de amizade e capacidade da busca por ajuda;	1,18,22,24,26,29,31,33,35,37,38,54
CARREIRA: refere-se a avaliação sobre sentimentos envolvidos com o curso de graduação, percepções futuras de vida profissional e projetos vocacionais;	2,5,7,8,14,19,21,32,46,49,51,55
ESTUDO: avaliação referente aos hábitos de estudo e gestão do tempo, uso de recursos	10,28,30,36,39,42,44,48,52

que favorecem aprendizagem disponibilizados pela instituição e preparação a provas/testes;

INSTITUCIONAL: avalia apreço dos 3,12,15,16,41,43,45, 53 estudantes pela universidade que frequentam, vontade de permanecer ou mudar de

instituição, bem como o apreço frente a infraestrutura, os serviços e conhecimento que são ali oferecidos

(Fonte: A autora, 2024).

Posteriormente, foi realizada análise descritiva considerando média, desvio padrão (DP), mediana, mínimo e máximo e análise estatística, utilizando-se os testes de *Anova* e *Kruskal Wallis* para comparar as médias médias de percepção global das vivências acadêmicas entre os grupos que compunham as características sociodemográficas e comparar as médias entre as cinco dimensões (pessoal, interpessoal, carreira, estudo e institucional) do instrumento QVA-r.

Os resultados da análise exploratória descritiva foram apresentados em tabelas na seção de Resultados e as interpretações estão dispostas na seção Discussão.

5 RESULTADOS

5.1 REVISÃO DE LITERATURA

Esta seção da pesquisa, busca apresentar as principais informações de uma variedade de estudos científicos rastreados a partir da revisão de literatura. Segue tabela com os achados do procedimento:

Quadro 2 – Título dos artigos separados pela Bases de Dados seguidos pelo ano de publicação, nome dos autores e principais resultados.

SCIELO	ANO	AUTORES	RESULTADOS
1 Pandemia da Covid-19: um evento traumático para estudantes de	2023	<u>Ramos, Sérgio</u> ; <u>Ricardo Freire</u> ; <u>Braga Filho</u> , <u>Rodrigo Araújo</u> ; <u>Carvalho, Mateus Almeida de</u> ; <u>Costa, Danilo Duarte</u> ; <u>Carvalho, Lucas Almeida de</u> ; <u>Almeida, Maria Tereza Carvalho</u> .	De 618 formulários respondidos, houve prevalência de 32,7% da presença de sintomas de estresse pós-traumático entre estudantes das Ciências Biológicas e da saúde.
2 Prevalence and factors associated with anxiety	2021	<u>Alves, Júlia Vasconcelos de Sá</u> ; <u>Paula, Waléria de</u> ; <u>Netto, Patrícia Ribeiro Rezende</u> ; <u>Godman, Brian Nascimento</u> ,	Todos os participantes apresentaram algum grau de ansiedade de frequência grave (28%), moderada (29,8%) e leve (27%). Fatores associados: violência psicológica/física sofrida na infância, pensamentos suicidas, pai falecido, morar com os pais, insatisfação no curso e estar em período avaliativo.

<p>3 Response to college students' mental health needs: a rapid review</p>	<p>2021</p>	<p><u>Gaiotto, Emiliana</u> <u>Maria</u> <u>Grando</u>; <u>Trapé,</u> <u>Carla</u> <u>Andrea</u>; <u>Campos,</u> <u>Celia Maria Sivalli</u>; <u>Fujimori, Elizabeth</u>;</p>	<p>Elaboração de quatro opções interventivas: 1. apoio a políticas de fortalecimento da saúde mental de estudantes da área da saúde; 2. integrar programas de atenção à saúde mental, ampliação de sua oferta e facilitação do acesso; 3. promoção de programas e estratégias educacionais de comunicação sobre sofrimento psíquico contemporâneo e seu enfrentamento visando que estudantes conheçam serviços e recursos; 4. monitoramento e avaliação</p>
--	-------------	--	---

			necessidades em saúde mental dos estudantes.
4 Major depressive episode	2020	<u>Flesch, Betina</u> <u>Daniele; Houvèssou,</u> <u>Gbènkpon Mathias;</u> <u>Munhoz, Tiago</u> <u>Neuenfeld;</u> <u>E</u> <u>assa, Anaclaudia</u> <u>Gastal.</u>	32% dos universitários e arte apresentou humanas e linguística, drogas ilícitas. Desempenho acadêmico prejudicado ao de álcool e consumo positivamente episódio de depressão.
CAPES	ANO	AUTORES	RESULTADOS DESTAQUE EM

5 Fatores relacionados à desesperança em universitários	2021	Lima, Camylla Layanny Soares; Veloso, Lorena Uchôa Portela; Lira, Jefferson Abraão Caetano; Silva, Andressa Gislanny Nunes; Rocha, Ângela Raquel Cruz; Conceição, Bentinelis Braga	77,4% dos estudantes com ideação suicida apresentaram nível de desesperança severa. Tiveram maiores médias estudantes do sexo masculino, usuários de álcool e outras drogas, com histórico de tentativa de suicídio, bullying e de humor deprimido.
6 Depressive symptoms among healthcare undergraduate students	2020	Bresolin, Julia Zancan; Dalmolin, Grazielle de Lima; Vasconcellos, Silvio José Lemos; Barlem, Edison Luiz Devos; Andolhe, Rafaela ; Magnago, Tania Solange Bosi de Souza	Os sintomas depressivos tiveram intensidade entre moderada e grave em 23,6% dos estudantes. Houve associação entre à não realização de atividades física e de lazer e aos cursos de fonoaudiologia e enfermagem.
7 Uso de Álcool e outras Substâncias Psicoativas por Estudantes Universitários de Psicologia	2020	Pires, Isabella Tereza Martins; Farinha, Marciana Gonçalves; Pillon, Sandra Cristina; Santos, Manoel Antônio dos.	Constatou-se prevalência alta para consumo de álcool 81,7% ao longo da vida, 67,6% nas últimos 3 meses e 55% em episódios de consumo excessivo (binge). A interação social no ambiente universitário foi um destaque entre os motivos para o uso. Álcool é considerado um intensificador do desejo de fumar, seguido pela percepção do álcool como elemento social em festas e reuniões, e como facilitador no enfrentamento do estresse.

<p>8 Interventions for the prevention of suicidal behavior in / Intervenções para</p>	<p>2021</p>	<p>Barbosa, Nanielle Silva ; Veloso, Lorena Uchoa Portela ; Ferraz, Mônica Madeira Martins ; Monteiro, Claudete Ferreira de Souza ; De Carvalho, Kauan Gustavo ; Lima, Ana Caroliny de Barros Soares</p>	<p>A amostra é composta por seis artigos cujos quais 50% apresentam intervenções com uso de softwares ou links da internet; 16,6% usam metodologia tradicional e 33,3% abordam intervenções tradicionais associadas às tecnologias.</p>
---	-------------	--	---

<p>9 Prevalencia y asociaciones de ansiedad, depresión y estrés en estudiantes universitarios peruanos durante la</p>	<p>2022</p>	<p>Mejia, Christian R. ; Ccasa-Valero, Laura ; Quispe-Sancho, Alan ; Charri, Julio C. ; Benites-Ibarra, Christeam A. ; Flores-Lovon, Kevin ; Vasquez-Ascate, Jhosephi ; Morocho-Alburqueque, Noelia ; Jorge Fernandez, Dalma Nicolle ; Gómez- Mamani, Yonatan</p>	<p>A patologia mais frequente elencada foi a ansiedade sendo 4% extremamente grave, 3% grave e 10% moderada. Em relação à carreira profissional, estresse e depressão não tiveram associação significativa. Entretanto, a ansiedade foi menor para graduandos da área da saúde. Mulheres apresentaram maior estresse e ansiedade. Quanto maior a idade do aluno, menor era o estresse, depressão e ansiedade. Além disso, os alunos dos 3o apresentaram mais depressão do que os do 1o ano.</p>
<p>10 Ideação e tentativa de suicídio em estudantes de psicologia: uma dor que tem morada na universidade</p>	<p>2020</p>	<p>Azevedo, Ana Karina Silva ; Silva, Maria Vanessa Morais da ; Lima, Airllanne Palloma da Silva</p>	<p>Pode-se constatar a tentativa de suicídio em 11,50% e ideação suicidaem 47,22% da amostra. Suicídio é significado como sofrimento, desespero, fuga, angústia e escolha existencial.</p>
<p>11 Ansiedad al aprendizaje en línea: relación con actitud, género, entorno y salud mental en universitarios</p>	<p>2021</p>	<p>Castillo Riquelme, Victor ; Cabezas Maureira, Nicolás ; Vera Navarro, Constanza ; Toledo Puente, Constanza</p>	<p>Foi utilizado um modelo de regressão para explicar 30% da variabilidade da ansiedade de aprendizagem em linha. Verificou-se que a ansiedade da aprendizagem on-line estava negativamente relacionada com as atitudes em relação às aulas on-line, à saúde mental auto-percebida e à qualidade da conectividade. As mulheres relataram maior ansiedade do que os homens.</p>

12 Os desafios da vida discentes em tempos pandêmicos	2023	Poso, Fabiana de Freitas Borges da Silva, Vinicius ; Andrade Pinto Monteiro, Bruno	Os participantes puderam discutir sobre vários temas destacando: circulação de notícias falsas, negacionismo científico, agravamento da crise financeira e da saúde mental dos acadêmicos, familiares e a deterioração das socioeconômicas por conta do desemprego crescente, e o processo de sucateamento das universidades públicas.
BVS	ANO	AUTORES	RESULTADOS EM DESTAQUE
13 Estado de ánimo y dependencia a la actividad física en estudiantes universitarios durante el confinamiento por COVID-19 / Dependência do humor e da actividade física nos estudantes universitarios durante o confinamento COVID-19	2022	Rodríguez-Cayetano, Alberto;	resultados indicam correlação significativamente positiva entre o nível de dependência dos exercícios e stress, fadiga, depressão, raiva e uma correlação negativa com vigor e amizade. Traz evidências sobre a importância da atividade física para contribuir na melhora da saúde de estudantes universitários.

<p>14 Relación de variables sociodemográficas con niveles de depresión, ansiedad y estrés en estudiantes universitarios</p>	<p>2022</p>	<p>Arntz V, Jenny; Trunce M, Silvana; Villarroel Q, Gloria; Werner C, Karlis; Muñoz M, Sonia.</p>	<p>54,82% da amostra apresenta algum nível de alteração ou risco de sofrer de ansiedade, 47,59% de estresse e 31,33% de depressão. 42,17% se identificam como pertencentes à etnia mapuche, enquanto 56,02% se identificam como não mapuche. Em relação à escolaridade do pai e da mãe, o maior percentual corresponde à categoria de ensino médio</p>
---	-------------	---	--

			completo (pai 37,95% e mãe 36,14%).
15 Estresse e depressão em estudantes universitários da saúde	2022	Bresolin, Julia Zancan; Dalmolin, Grazielle de Lima; Vasconcellos, Silvio José Lemos; Andolhe, Rafaela; Morais, Bruna Xavier; Lanes, Taís Carpes.	A pesquisa encontrou entre depressão e estresse uma associação significativa ($p < 0,001$), com uma forte correlação entre eles ($r = 0,731$; $p < 0,001$). Entre os estudantes, 9,5% apresentavam alto nível de estresse e 23,6% tinham sintomas de depressão de moderada a grave.
16 Qualidade do sono e fatores associados em universitários do Centro-Oeste do Brasil	2021	Souza, Maria Carolina Marciano Campos de; Leite, Heloísa Marquardt; Silva, Renato Canevari Dutra da; Pattussi, Marcos Pascoal; Olinto, Maria Teresa Anselmo.	A média do escore do PSQI-BR foi 7,0, com uma prevalência de má qualidade do sono de 63,5% (IC95% 61,4-65,5), sendo 60,3% nos homens e 64,8% nas mulheres. Após análise ajustada, a auto percepção de saúde razoável/ruim foi associada à má qualidade do sono em ambos os sexos. Nos homens, a má qualidade do sono foi mais prevalente entre os fumantes e menos prevalente entre os que consumiam adequadamente frutas, legumes e verduras e eram suficientemente ativos. Nas mulheres, a má qualidade do sono foi mais prevalente entre aquelas com 24 anos ou mais, sem companheiro, que consumiam bebidas alcoólicas e que cursavam medicina.

<p>17 Satisfaction with online learning in the new normal: perspective of students and faculty at medical and health sciences colleges.</p>	<p>2021</p>	<p>Elshami, Wiam; Taha, Mohamed H; Abuzaid, Mohamed; Saravanan, Coumaravelou; Al Kawas, Sausan; Abdalla, Mohamed Elhassan.</p>	<p>Satisfação geral entre alunos foi 41,3% comparando com 74,3% dentre os docentes. Comunicação e flexibilidade se destacam como áreas de maior satisfação dos alunos. Professores em 92,2% sentem-se entusiasmados com a empolgação dos alunos pela aprendizagem online. O que levou a redução da satisfação dos alunos foram os problemas técnicos para estudantes, enquanto para professores há maior prejuízo pela carga alta de trabalho e pelo tempo necessário para preparar</p>
---	-------------	--	---

			<p>os</p>
--	--	--	-----------

			materiais de ensino e avaliação. Carga de trabalho e estudo foram elencados como afetando a satisfação de professores e alunos.
18 Sintomatologia depressiva, estresse e ansiedade em universitários	2020	Jardim, Marília Guimarães Leal; Castro, Tathiane Silva; Ferreira-Rodrigues, Carla Fernanda.	Foram apresentados resultados de sofrimento mental (53,9%), prevalência de ansiedade, níveis de estresse moderado e baixos índices de grupo de sintomas depressivos. Não houve diferença estatística significativa em relação aos construtores quanto ao início e final do curso. Demonstra que a universidade e seu ambiente não são adoecedores e que outras variáveis têm a necessidade de investigações.
19 Impacto do estilo de vida dos estudantes universitários na promoção de políticas públicas de saúde. O caso das cutucadas	2020	Cerezo-Prieto, Marta; FrutosEsteban, Francisco Javier.	Homens estudantes mais jovens foram apontados como maiores apoiadores da direita política. Praticantes de alguma religião apresentaram os piores hábitos. Houve correlação positiva que se obteve entre aprovação de nudges e hábitos responsáveis com menor consumo de carne ($p < 0,001$), sendo significativa nos nudges que abordaram medidas dietéticas.

20 Major depressive episode	2020	Flesch, Betina Daniele; Houvèssou, Gbèankpon Mathias; Munhoz, Tiago Neuenfeld; Fassa, Anaclaudia Gastal.	32% dos universitários apresentou ciências sociais aplicadas e humanas e de linguística, letras e artes. Esteve positivamente associado ao episódio depressivo maior pior desempenho acadêmico, uso abusivo de álcool e consumo de drogas ilícitas.
-----------------------------	------	--	---

Fonte: A autora, 2024.

5. 2 ESTADO DA ARTE DOS ESTUDOS SOBRE O TEMA SAÚDE MENTAL E ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

O estudo de Ramos et al. (2023) constata a prevalência de sintomas de estresse pós-traumático de 32,7% entre os estudantes das Ciências Biológicas e da Saúde, de uma universidade estadual no Sudeste do Brasil. Esta porcentagem foi considerada alta em comparação aos achados na literatura científica da época. Uma informação relevante desse estudo refere-se a como a Pandemia Covid-19 foi - e pode ser até hoje - encarada como um evento traumático para os futuros profissionais da saúde que no ano de 2020 estavam em formação. Além disso, os sintomas do Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT) considerado induzido pela Pandemia Covid-19, manteve associação estatisticamente significativa com a “presença de sintomas depressivos, de estresse e de ansiedade, a presença de autopercepção de saúde regular ou ruim, a presença de sintomas gripais durante a pandemia e o curso acadêmico” (Ramos et al., 2023, p.6).

A pesquisa de Alves et al. (2021) buscou avaliar a prevalência e os fatores associados aos transtornos de ansiedade em estudantes universitários das ciências da área da saúde numa Instituição de Ensino Superior em Ouro Preto, Brasil. Tiveram um total de 493 respondentes à pesquisa, sendo 79,9% do público feminino com uma média de idade entre 23,1 anos e 18,6% tinha um problema crônico. Alves et al. (2021, p. 102, tradução nossa) afirmam “todos os estudantes apresentaram algum grau de ansiedade de acordo com o Inventário de Ansiedade de Beck”. Os pesquisadores concluíram que os fatores de risco associados à prevalência de ansiedade nos acadêmicos foram: ter sofrido violência psicológica e física na infância, ter pensamentos suicidas, pai e mãe falecidos, ter bom relacionamento com os pais, ser infeliz ou insatisfeito com o curso, e estar na semana de provas.

O estudo de Gaiotto et al. (2021) refere-se a um estudo de revisão rápida que totalizaram 45 pesquisas com evidências que apoiam a constituição de quatro opções estratégicas para responder às necessidades de saúde mental dos universitários. As opções estratégicas possuem mensagem-chave que configuram linhas de ação plausíveis para implementar as opções. Opção 1) mostra a necessidade do estabelecimento de políticas institucionais através da tomada de decisão/ação de gestores dos cursos da área da saúde e as próprias instituições universitárias opostas as ações isoladas, pontuais e individualizadas; Opção 2) Em uma parceria da instituição e seus cursos de saúde, é sugerido a esforços para identificação das intervenções que

existem e a disponibilidade de outros serviços que proporcione “informação e acesso a essa rede de cuidado” (p.11). Ressaltam o protagonismo das universidades num processo de articulação do SUS e a instituição pois dessa forma o acesso é facilitado. Opção 3) Refere-se ao desenvolvimento de estratégias educativas por parte das próprias instituições com objetivo de compartilhar informações para elucidar “os problemas psíquicos contemporâneos com destaque para aqueles advindos de preconceitos e atitudes discriminatórias e a forma de enfrentamento deles” (Giotto et.al, 2021, p.11); Opção 4) Trata-se da inclusão do enfrentamento do sofrimento psíquico através do monitoramento das ações em saúde mental e presença na agenda institucional. Além disso, cita-se “a criação de uma rede de apoio a estudantes e com o envolvimento de toda a comunidade acadêmica” (Giotto et.al, 2021, p.11).

A pesquisa de Flesch et al. (2020) consiste em uma avaliação de fatores associados e a prevalência de episódio depressivo maior nos estudantes universitários, com destaque para a relação de influência do ambiente universitário, escolha da área do curso e o meio em que estão presentes. A pesquisa trabalha com dados coletados por um estudo transversal censitário realizado em 2017 com os acadêmicos ingressantes em uma instituição de ensino superior do sul do Brasil. Os dados são de 80 cursos presenciais com total de 2.706 estudantes incluídos através dos critérios de inclusão/exclusão. Constatou-se que 32% dos estudantes apresentou episódio depressivo maior sendo o a adversidade mais frequente entre as mulheres de 21 a 23 anos, com histórico de depressão na família, orientação sexual divergente à heteronormativa, que moravam com colegas/amigos, pertencentes a área das ciências sociais aplicadas e humanas, de linguística, letras e artes. Fatores que estiveram positivamente associados ao episódio depressivo maior foram pior desempenho acadêmico, uso abusivo de álcool e consumo de drogas ilícitas. As conclusões ressaltam que, para além dos problemas de ordem pessoal, há aspectos acadêmicos que influenciam a ocorrência do episódio depressivo entre os estudantes.

Em relação ao estudo de Lima et al. (2020), trata-se de um estudo transversal realizado numa Instituição de Ensino Superior brasileira com uma amostra de 142 alunos dos cursos de saúde. O objetivo consistia em identificar fatores relacionados à desesperança dos universitários de cursos da saúde e para isso foram utilizados um questionário socioeconômico e acadêmico além da Escala de Desesperança de Beck e Escala de Ideação Suicida de Beck. Os resultados apontaram que 77,4% dos estudantes com ideação suicida apresentavam nível de desesperança severa. O público masculino, que não estavam no curso desejado, que relataram insegurança quanto ao futuro

profissional, que utilizavam álcool e outras drogas, que possuíam histórico de tentativa de suicídio, bullying e humor deprimido apresentaram as maiores médias na Escala de Desesperança. Além disso, os autores concluíram que a desesperança está correlacionada com ideação suicida e um baixo rendimento acadêmico.

Bresolin et al. (2020) realizaram um estudo transversal com 792 respondentes, buscando identificar a intensidade de sintomas depressivos além dos fatores associados com acadêmicos da área da saúde numa Instituição pública de Ensino Superior. A coleta de dados se deu por meio do Inventário de Depressão de Beck - versão II somado a um questionário de caracterização dos alunos. Os resultados apontaram que em 23,6% dos estudantes a intensidade dos sintomas depressivos eram moderadas e graves com associação a não prática de exercícios físicos e lazer aos cursos de fonoaudiologia e enfermagem. Nas conclusões, os autores afirmam que são necessárias maiores investigações voltadas para identificar os fatores que se relacionam com o surgimento da depressão nesse período do desenvolvimento humano.

No estudo de Pires et al. (2020) realizado com 180 graduandos do curso de Psicologia, foi avaliado o padrão de uso de álcool e outras drogas psicoativas (SPAs) através de um questionário sociodemográfico e instrumentos de rastreamento do uso de SPAs válidos à população brasileira. Em relação aos resultados, foi apontado o uso do álcool com maior prevalência de 81,7% durante a vida, 67,6% nos últimos três meses e 55% no padrão binge. A respeito dos motivos para o consumo, o convívio universitário foi destacado. Álcool foi apresentado como potencializador para o desejo de fumar, percebido como um fator social em festas e facilitador ao enfrentar alguma situação de estresse. O padrão de consumo de álcool pode influenciar comportamentos de risco como dirigir embriagado, ter relações sexuais sem proteção e envolvimento com infrações à lei e ordem pública. As conclusões ressaltam a necessidade de programas de prevenção e políticas públicas que engajem a noção de autocuidado.

Em Barbosa et al. (2021), a pesquisa refere-se a uma revisão integrativa composta por uma amostra de seis artigos rastreados em cinco base de dados utilizando-se dos descritores “estudantes”, “suicídio” e “promoção à saúde”. Dos artigos encontrados, 50% tratam sobre intervenções com softwares ou links da internet, 16,6% abordam metodologia tradicional e 33,3% abordam intervenções tradicionais, porém associadas às tecnologias. As conclusões do estudo ressaltam que as possibilidades interventivas que trabalhem com prevenção ao suicídio sejam capazes de preparar as pessoas de forma acessível e congruentes ao contexto no qual os acadêmicos estão inseridos.

O estudo peruano de Mejia et al. (2022), assim como outros já citados corresponde a um estudo transversal, porém analítico e multicêntrico, objetivava determinar prevalência e associações referentes à ansiedade, depressão e estresse em estudantes da universidade no decorrer da pandemia COVID-19. Participaram da amostra 2.572 universitários de 16 cidades do Peru. A coleta de dados se deu por meio de um Teste de Escala de Depressão, ansiedade e estresse denominado DASS-21 e os resultados foram cruzados com variáveis socioeducativas. Os resultados demonstram que a ansiedade foi a patologia mais evidenciada e menor nos estudantes da saúde em comparação a outros cursos; estresse e depressão não tiveram associação com carreira profissional; estresse maior entre público feminino; quanto mais velhos menores são os níveis de estresse, ansiedade e depressão; estudantes dos terceiros anos tinham mais depressão em comparação a outros períodos de graduação. As conclusões da pesquisa ressaltam a importância de monitorar essas três patologias e sua forma de manifestação no presente por conta de possíveis aparições de ataques de pânico, estresse pós-traumático e entre outros transtornos mentais.

A pesquisa qualitativa de Azevedo, Silva e Lima (2020) objetivou compreender aspectos relacionados a ideias suicidas e tentativas de suicídio através de entrevistas com estudantes do curso de Psicologia. Para coleta de dados um questionário semiestruturado foi utilizado e a análise se deu primeiramente por perguntas fechadas a tratamento estatístico simples, enquanto as perguntas abertas tiveram suas respostas analisadas sob enfoque de autores da fenomenologia existencial que trabalham com o tema suicídio. Ocorreu a participação de 63 estudantes do 1º e 3º períodos e os resultados apontaram 11,50% tentativas de suicídio e 47,22% ideias suicidas do total da amostra. O suicídio se apresenta como sofrimento, desespero, fuga, angústia e escolha existencial. As conclusões indicam que há um sofrimento nítido na temática de suicídio que requer ações para contribuir na abordagem desse tema com o público universitário, além de mais pesquisas que ampliem a compreensão sobre este fenômeno.

5.3 AMBIENTE UNIVERSITÁRIO NO CONTEXTO PANDÊMICO E PÓS PANDÊMICO DA COVID-19

A pandemia da COVID-19 que assolou a população mundial, acarretou uma profunda mudança em praticamente todas as instâncias e práticas sociais. Em face a essa nova realidade houve a necessidade de uma reorganização para atender à

demanda causada pelas implicações do acontecimento, não somente nos serviços de saúde, mas também nas atividades da vida cotidiana de inúmeras pessoas. Nessa reorganização, as estratégias de enfrentamento incluíram o ambiente escolar e universitário, nos quais foi necessária a adaptação de um novo formato de ensino, antes presencial, para o formato remoto e/ou online.

De forma evidenciada, no ambiente universitário, isso ocasionou uma sequência de episódios que se refletiram na saúde física e mental dos estudantes. Além de terem que lidar com questões relativas à infecção da COVID-19, as mudanças em seu estilo de vida pessoal, nos contextos familiar, econômico, social e, acadêmico foi desafiador e trouxe prejuízos à saúde mental dos universitários, pois acarretou mudanças drásticas como a modificação no formato das aulas com a suspensão dos encontros presenciais, o adiamento de planejamentos e questões relacionadas à necessidade de distanciamento social - para citar alguns exemplos - , suscitaram sentimentos de incerteza e frustração com o futuro acadêmico, como mostram os estudos discutidos na sequência da presente pesquisa.

O estudo de Castillo, Cabezas, Vera e Toledo (2021) definido como quantitativo, não experimental e transversal, objetivando caracterizar e examinar os determinantes da ansiedade de aprendizagem em linha por via da dimensão homônima da *Escala de Estratégias de Aprendizagem Online* trouxe uma amostra de 192 estudantes universitários examinando seus fatores determinantes. Foi verificado que a ansiedade de aprendizagem online tinha relação negativa com atitudes relacionadas a: aulas online, saúde mental autopercebida e qualidade da conectividade. Além disso, os resultados mostraram que mulheres relataram maior ansiedade do que os homens. As conclusões do estudo enfatizam recomendações voltadas às políticas universitárias e sugerem novas investigações sobre o tema.

Em uma pesquisa realizada por Poso, Silva e Monteiro (2023) é feita uma análise dos discursos coletados em curso de extensão que tinha como intuito aproximar o corpo docente, discente e quem se interessasse pelo tema, em debates a respeito do contexto pandêmico brasileiro sobre alguns temas como o retorno das aulas no formato EAD e a saúde mental da comunidade acadêmica. As interações foram sendo registradas online por chats, formulários eletrônicos, enquetes virtuais e trocas de mensagens eletrônicas. O material coletado foi analisado por meio de Análise de Conteúdo. Em relação aos resultados, o curso de extensão “representou uma estratégia de articulação[...], promovendo debates e reflexões sobre as questões relacionadas à vida universitária [...] no sentido de promover trocas de saberes e vivências” (Poso, Silva e Monteiro, 2023,

P.22). Foi destacado a importância do alunado se unir em busca de soluções de forma conjunta para enfrentar as dificuldades do contexto universitário pandêmico.

Fica evidente a importância de atividades físicas para contribuição da melhora da saúde mental de estudantes universitários a partir da pesquisa de Rodríguez-Cayetano et al. (2022). O objetivo do estudo era realizar uma análise do nível de dependência e estado de espírito dos universitários em relação aos exercícios físicos durante o confinamento da COVID-19, suas possíveis inter-relações de acordo com o gênero, buscou ainda verificar se praticam algum esporte além do nível de preocupação em relação a COVID-19 numa perspectiva mundial. O total de participantes foi de 177 alunos, sendo 133 homens e 44 mulheres. Dois instrumentos foram usados para coletar os dados: Escala Revisada de Dependência do Exercício (EDS-R) e Perfil Mood States (POMS) versão reduzida. As descobertas indicam uma associação substancialmente positiva entre o grau de engajamento em atividades físicas e os níveis de estresse, irritação, cansaço e desânimo, enquanto revelam uma conexão negativa com a vitalidade e interações sociais. Em suma, fica claro que a prática regular de exercícios desempenha um papel crucial na promoção do bem-estar psicológico dos alunos universitários.

Outra investigação feita por Arntz et al. (2022) sobre a saúde mental de universitários, utilizando um desenho quantitativo não experimental, descritivo e correlacional, constitui-se de uma amostra de 166 estudantes de enfermagem, nutrição e dietética, fonoaudiologia e cinesiologia, avaliados com a versão abreviada chilena das escalas de depressão, ansiedade e estresse DASS-21, além de um questionário sociodemográfico. Os resultados revelaram que uma proporção significativa da amostra apresentava níveis de ansiedade (54,82%), estresse (47,59%) e depressão (31,33%). Houve uma associação entre o sexo feminino e os níveis desses distúrbios mentais, bem como entre pertencer a esse gênero e cursar enfermagem e cursos de nutrição e dietética com maior propensão a apresentar esses problemas. Esses achados destacam a importância de abordar a saúde mental dos estudantes universitários, especialmente em áreas específicas de estudo, para melhorar seu bem-estar e desempenho acadêmico.

O estudo de Freitas et al. (2023) objetivou avaliar a relação entre qualidade de vida e sintomas de depressão, ansiedade e estresse em estudantes universitários da área da saúde. Participaram 321 estudantes de cursos de graduação nessa área, sendo que a qualidade de vida foi avaliada através da escala da Organização Mundial da Saúde, enquanto os sintomas foram medidos pela escala de depressão, ansiedade e estresse. Os resultados revelaram uma associação negativa entre qualidade de vida e

sintomas de depressão em todos os domínios, bem como uma associação negativa entre sintomas de ansiedade no domínio do meio ambiente e sintomas de estresse no domínio psicológico. A gravidade dos sintomas mostrou-se inversamente proporcional à qualidade de vida, com os sintomas depressivos tendo o maior impacto. Dessa forma, a diminuição dos escores de qualidade de vida esteve significativamente relacionada à gravidade dos sintomas observados.

Considerando que a incidência de problemas relacionados à qualidade do sono é comum entre estudantes universitários, a pesquisa de Souza et al. (2021) teve como objetivo investigar essa questão em acadêmicos da área da saúde de uma universidade no Centro-Oeste do Brasil. Com uma amostra de 2171 participantes, a pesquisa utilizou o questionário PSQI-BR para avaliar o sono de má qualidade. Os resultados mostram uma alta prevalência de má qualidade do sono, com 63,5% da amostra afetada, sendo mais comum entre mulheres e associada a diversos fatores, como percepção de saúde ruim, tabagismo em homens, hábitos alimentares e atividade física. Esses resultados destacam a necessidade de monitorar e abordar os problemas de sono entre os estudantes universitários, especialmente considerando as diferenças de gênero e os fatores de estilo de vida associados.

Com a pandemia da COVID-19, o ensino online tornou-se predominante em muitas escolas médicas e de ciências da saúde, mas a satisfação dos alunos e professores com esse formato é crucial para o sucesso educacional. O estudo de Elshami et al. (2021) buscou compreender quais fatores influenciam essa satisfação. Questionários online foram enviados a 370 alunos e 81 professores envolvidos no ensino online. Os resultados mostraram uma satisfação geral de 41,3% entre os alunos e 74,3% entre os professores. Enquanto os alunos valorizaram a comunicação e flexibilidade, os professores destacaram o entusiasmo dos alunos. Problemas técnicos afetaram a satisfação dos alunos, enquanto os professores enfrentam aumento da carga horária de trabalho. A análise das respostas revelou temas como carga de estudo e trabalho, engajamento e questões técnicas. Para melhorar a satisfação dos alunos, sugeriu-se uma combinação de abordagens de ensino, aplicativos diversos e feedback oportuno, enquanto o apoio institucional foi recomendado para satisfazer os professores.

A pesquisa de Jardim et al. (2020), realizada com 410 estudantes de cursos de saúde de uma universidade pública federal em Pernambuco, buscou avaliar esses sintomas para investigar se há diferenças entre estudantes ingressantes e concluintes. Utilizando diversos questionários, os resultados mostraram um alto índice de sofrimento mental, prevalência de ansiedade e níveis moderados de estresse, mas baixa

sintomatologia depressiva. Surpreendentemente, não houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos de estudantes, sugerindo que o ambiente universitário pode não ser o único influenciador desses problemas, indicando a necessidade de investigar outras variáveis que possam estar relacionadas a essas características durante esse período da vida.

O estudo de Cerezo-Pietro et al. (2020) dialoga sobre como, recentemente, os responsáveis pela formulação de políticas públicas têm adotado novas estratégias, inspiradas nas ciências da economia comportamental e da psicologia social, para promover hábitos saudáveis. Uma dessas abordagens, conhecida como "nudges", busca influenciar comportamentos sem impor restrições, mas antes de sua implementação é essencial compreender o nível de aceitação dessas intervenções pela população. Este estudo investigou a relação entre o estilo de vida dos estudantes universitários e sua receptividade às ferramentas de promoção de políticas públicas de saúde. Os resultados revelaram padrões alimentares inadequados entre os estudantes, com baixo consumo de frutas e vegetais e alto consumo de alimentos pouco saudáveis e bebidas alcoólicas. Além disso, houve uma associação significativa entre variáveis sociodemográficas, como gênero, idade, orientação política e prática religiosa, e os hábitos alimentares dos estudantes. A aceitação das políticas de saúde foi correlacionada com comportamentos mais saudáveis, destacando-se uma maior receptividade entre mulheres, pessoas mais velhas, apoiadores de esquerda política e aqueles com menos afiliação religiosa. Esses achados sugerem que a aceitação de intervenções de saúde pública está ligada não apenas à alimentação saudável, mas também a comportamentos socialmente responsáveis, e varia de acordo com características sociodemográficas específicas.

Por fim, a pesquisa de Flesch et al. (2020) investigou a prevalência e os fatores associados ao episódio depressivo maior em universitários, com foco na influência do ambiente acadêmico, área de estudo e ambiente de convívio. Dos universitários analisados, 32% apresentaram episódio depressivo maior, sendo mais comum entre mulheres, jovens de 21 a 23 anos, com histórico familiar de depressão, orientação sexual minoritária, morando com amigos ou colegas, e estudantes de certas áreas como ciências sociais aplicadas e humanas, além de linguística, letras e artes. O desempenho acadêmico mais baixo, o uso abusivo de álcool e o consumo de drogas ilícitas também foram associados a uma maior prevalência de episódios depressivos maiores. Esses resultados ressaltam a necessidade de políticas públicas e institucionais voltadas para a promoção da saúde mental dos estudantes, reconhecendo o impacto significativo da depressão na saúde e no bem-estar.

5.4 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS A PARTIR DA VARIÁVEL VIVÊNCIA ACADÊMICA GLOBAL DO FORMULÁRIO

Foram obtidas 419 respostas, sendo que todos concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B). A maioria do público respondente da pesquisa era do sexo feminino totalizando 72,8%, com idade entre 17 a 26 anos (91,4%), solteiros (90,9%), que exercia atividade laboral (53,7%), sendo que 22,7% já atuava numa área relacionada com o curso de graduação (Tabela 6).

Ainda, a maior parcela dos universitários vivia com renda familiar entre 2 a 4 salários mínimos (55,4%), residiam com os pais (67,5%). Pode-se averiguar que apenas 18,9% de pessoas tiveram que se mudar para cursar a universidade, e 6,9% estudantes são pais, sendo 6,2% moravam com seu/a/s filho/a/s (Tabela 6). A distribuição do público da amostra entre os cursos de graduação que participam foi de Psicologia (27,9%), Nutrição (4,1%), Enfermagem (15,8%), Educação Física (14,8%), Ciências Biológicas (4,8%), Fisioterapia (10%), Farmácia (6,7%), Biomedicina (7,6%) e Odontologia (8,4%) (Tabela 6).¹

Em relação a fazer psicoterapia, apenas 16% afirmam que realizam tratamento psicoterapêutico. Em relação ao diagnóstico de transtorno mental, 20,8% dos estudantes participantes da pesquisa afirmam possuir algum diagnóstico e quando questionados se havia algum diagnóstico de transtorno mental na família e os mesmos 20,8% que dizem ter diagnóstico, afirmam que possuem diagnóstico na família (Tabela 6).

Considerando a média de valores entre 1 a 5, a média da variável “Percepção global de vivências acadêmicas” foi de 3,43. Quanto maior a média, mais adaptados estão os estudantes às vivências acadêmicas. Indivíduos com idade de 38 anos ou mais apresentaram média de percepção global de vivências acadêmicas maior em detrimento aos com idade entre 17 e 26 anos ($p < 0,001$), de modo semelhante foi observado com pessoas casadas, que apresentaram maior média do que as solteiras ($p = 0,001$). Em relação à atividade laboral, nota-se que houve diferença significativa na percepção das vivências acadêmicas entre os estudantes que exerciam e os que não exerciam, sendo que a média mais elevada é do grupo que trabalha ($p < 0,0036$). Diferença significativa das percepções pode também ser verificada pela média mais elevada no grupo cujo qual a atividade laboral está relacionada com o curso ($p < 0,0016$).

Os indivíduos que residem com os pais ($p < 0,039$) e os que residem com os companheiros ($p < 0,008$) obtiveram as maiores médias em detrimento aos que residiam

sozinhos, com outros familiares e colegas/amigos. Observa-se que a média mais elevada foi para aqueles que possuem filhos ($p < 0,004$), que residem com os filhos ($p < 0,002$), que possuem diagnóstico de transtorno mental ($p < 0,003$) e que possuem diagnóstico de transtorno mental na família ($p < 0,010$).

Tabela 6. Característica sociodemográfica e estudantil de acadêmicos ingressantes, segundo média percepção global de vivências acadêmicas. Ponta Grossa, Paraná (n=419), 2024.

n	%	Percepção global das vivências acadêmicas						
		Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo	p valor	
Percepção global das vivências acadêmicas		3,43	0,53	3,45	1,65	4,58		
419	100							
Sexo								
Feminino	305	72,8	3,4	0,50	3,4	1,69	4,58	0,538
			2		5			
Masculino	114	27,2	3,4	0,59	3,5	1,65	4,55	
			3		1			
Idade								
Entre 17 a 26 anos			3,4	0,52	3,4	1,65	4,58	
			0		2			
	383	91,4						0,001
Entre 27 a 37 anos	3,4	0,54	3,5	2,25	4,29			
≥38 anos						4,0		
						4		
Estado Civil								
Solteiro	381	90,9	3,4	0,52	3,4	1,65	4,58	0,001
			0		2			
Casado	38	9,1	3,6	0,58	3,6	1,69	4,44	
			8		7			
Atividade laboral								

¹ Apesar de terem sido apresentadas pesquisas sobre o público do curso de Medicina na seção Introdução deste trabalho, não foi possível realizar a coleta de dados com a turma de ingressantes de Medicina de uma das Instituições participantes, a única que contém esta graduação no município de Ponta Grossa/PR. Mais detalhes a respeito disso podem ser encontrados na seção Limitações do Estudo da presente pesquisa.

Sim	225	53,7	3,4 8	0,50	3,5 1	2,18	4,44	0,036
Não	114	27,2	3,3 7	0,56	3,3 6	1,65	4,58	
Atividade laboral tem relação com o curso								
Sim	95	22,7	3,5 6	0,49	3,5 6	2,25	4,42	0,016
Não	210	50,1	3,4 1	0,54	3,4 1	1,65	4,58	
Não exerce atividade laboral	114	27,2	3,3 7	0,56	3,3 6	1,65	4,58	
Renda familiar								
> 10 SM	38	9,1	3,4 5	0,58	3,4 9	2,25	4,40	0,67
5 a 10 SM	106	25,3	3,4 6	0,56	3,5 1	2,05	4,44	
2 a 4 SM	232	55,4	3,4 0	0,50	3,4 0	1,65	4,55	
Até 1 SM	43	10,3	3,4 7	0,56	3,4 9	2,24	4,58	
Reside atualmente com								
Pais	283	67,5	3,4 1	0,52	3,4 4	1,69	4,55	0,039
Familiares	44	10,5	3,4 2	0,56	3,3 8	2,24	4,58	0,911
Sozinho	40	9,5	3,4 5	0,53	3,5 2	1,65	4,35	0,466
Companheiro	34	8,1	3,6 6	0,48	3,6 8	2,40	4,42	0,008
Amigos ou colegas	18	4,3	3,2 6	0,55	3,1 3	2,42	4,27	0,154
Mudou-se para estar na Universidade								
Sim	79	18,9	3,4 1	0,50	3,4 0	1,65	4,35	0,771
Não	340	81,1	3,4	0,54	3,4	1,69	4,58	
	17	4,1						0,793
	19	4,5	3,8 8	0,48		2,91	4,44	<0,001

			3		5			
Possui filhos								
Sim	29	6,9	3,7 1	0,55	3,8 5	2,25	4,44	0,004
Não	390	93,1	3,4 1	0,52	3,4 4	1,65	4,58	
Reside com filhos								
Sim	26	6,2	3,7 5	0,57	3,8 9	2,25	4,44	0,002
Não	3	0,7	3,4 2	0,50	3,4 5	2,05	4,58	
Não tem filhos	390	93,1	3,4 5	0,52	3,4 9	2,05	4,58	
Curso								<0,001
Psicologia	117	27,9	3,5 1	0,50	3,5 1	2,25	4,44	
Nutrição	17	4,1	3,6 3	0,58	3,6 9	2,47	4,36	
Enfermagem	66	15,8	3,3 8	0,50	3,4 4	2,31	4,25	
Educação física	62	14,8	3,6 1	0,43	3,6 4	2,20	4,58	
Ciências Biológicas	20	4,8	3,2 0	0,51	3,1 6	2,24	4,16	
Fisioterapia	42	10,0	3,4 2	0,50	3,3 0	2,31	4,33	
Farmácia	28	6,7	3,2 6	0,62	3,2 7	2,25	4,55	
Biomedicina	32	7,6	3,1 2	0,54	3,1 4	1,69	3,98	
Odontologia	35	8,4	3,3 7	0,58	3,4 7	1,65	4,29	
Faz psicoterapia								
Sim	67	16,0	3,3 5	0,50	3,3 0	2,25	4,44	0,133
Não	352	84,0	3,4 4	0,53	3,4 9	1,65	4,58	
Diagnóstico de Transtorno Mental								
Sim	87	20,8	3,2 7	0,56	3,2 5	2,20	4,33	0,003
Não	332	79,2	3,4 7	0,51	3,5 1	1,65	4,58	

Diagnóstico de Transtorno Mental na Família								
Sim	154	36,8	3,3 4	0,53	3,3 5	1,69	4,58	0,010
Não	265	63,2	3,4 7	0,52	3,5 3	1,65	4,44	

Fonte: A autora, 2024.

* SM Salário Mínimo

* DP: Desvio Padrão

Verifica-se que a Tabela 7 contém as informações dos resultados frente a análise exploratória descritiva, em que a percepção dos participantes sobre cada uma das dimensões das vivências acadêmicas são comparadas umas com as outras. Certifica-se que a dimensão melhor avaliada pelos acadêmicos foi a carreira ($\mu=3,89$), seguida da institucional ($\mu=3,74$), enquanto a pior avaliada foi pessoal ($\mu=2,91$) (Tabela 7).

Tabela 7. Análise descritiva e comparativa das percepções de acadêmicos acerca das dimensões de vivências acadêmicas. Ponta Grossa, Paraná (n=419), 2024.

Dimensões	Dimensões					Inter- pessoal	Carreira	Institu- cional	Estudo	Pessoal
	Média	DP	Mediana	Mínimo	Máximo	p valor	p valor	p valor	p valor	
Interpessoal	3,56	0,76	3,64	1,45	5,00					
Carreira	3,89	0,74	4,08	1,17	5,00	<0,001				
Institucional	3,74	0,72	3,88	1,38	5,00	0,001	<0,001			
Pessoal	2,91	0,80	2,86	1,00	5,00	<0,001	<0,001	0,06		
Estudo	3,15	0,73	3,20	1,30	5,00	<0,001	<0,001	0,002	<0,001	
Global	3,43	0,53	3,45	1,65	4,58	<0,001	<0,001	<0,001	<0,001	

(Fonte: A autora, 2024).

5.5 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS E AS VIVÊNCIAS ACADÊMICAS

Esta seção pretende apresentar a análise dos dados obtidos pelo formulário buscando possíveis relações com os achados da Revisão de Literatura, além de outros artigos científicos. *A priori*, são expostas as discussões referentes aos dados sociodemográficos, reproduzindo a ordem de exposição da seção de Resultados, seguido da discussão dos dados relativos ao QVA-r.

As possíveis razões pelas quais pessoas mais velhas, que trabalham, casadas, que residem com os companheiros, que possuem e residem com filho/a/s, com diagnóstico de transtorno mental no/a estudante e na família obterem maiores níveis de adaptação às vivências acadêmicas podem estar associadas à própria experiência

empírica de seus respectivos cotidianos, que requer um repertório mais rico e generalizado de comportamentos para lidar com desafios do dia-a-dia.

No que se refere aos resultados das questões sociodemográficas, em relação à idade, a pesquisa segue a mesma direção dos estudos de Ramos et al. (2023), Alves et al. (2021), Flesch et al. (2020), Bresolin et al. (2020), Pires et al. (2020), Rodriguez-Caytano et al. (2022), Artz (2022), Bresolin et al. (2022), Souza et al. (2021), Jardim et al. (2020) e Flesch (2020) em que as amostras se compõem numa faixa etária dentro intervalo entre 17 a 42 anos. As pesquisas a respeito do tema de saúde mental e universitários evidenciam que uma significativa parcela estudantil que compõem o Ensino Superior é de jovens adultos.

A respeito disso, Britto (2020) afirma que ingressar na universidade coincide com um momento de transição da adolescência para a vida adulta. “É um momento de rupturas, gerador de estresse e ansiedade, que afeta os indivíduos de diferentes maneiras e pode conduzir, em graus variados, a efeitos negativos na saúde emocional, física e nos relacionamentos dos estudantes” (Britto, 2020, p. 49). Isso pode justificar as médias obtidas pelos indivíduos de 17 a 26 anos que foram inferiores aos sujeitos com uma idade mais avançada, que demonstraram uma maior adaptabilidade referente a como percebem as vivências acadêmicas.

O período de vida pelos quais jovens estudantes passam é marcado por “mudanças e perdas, que são esperadas nesta fase do desenvolvimento, como afastamento do círculo familiar e social e a adaptação à nova rotina, fatores que podem desencadear situações de crise” (Bresolin et al., 2020, p. 2).

Segundo Barbosa et al. (2021) o momento pelos quais os estudantes universitários passam é composto por uma série de transformações que são pertencentes aos processos de desenvolvimento pessoal, social e acadêmico requerendo posturas mais maduras e autônomas para que decisões exigidas às demandas do ambiente universitário sejam tomadas da forma mais adequada possível. Isso pode servir como fundamento para as médias mais altas, frente as dimensões das vivências acadêmicas, dos alunos que possuem 38 anos ou mais, já que possivelmente vivenciam uma vida mais autônoma.

Ainda seguindo os achados por outras pesquisas, o presente estudo também identificou a maioria do público da amostra como sendo de mulheres. De acordo com Everton Lima da Fiocruz IFF/Fiocruz (2022), dados divulgados em 2020, pela Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde afirma que a presença feminina é a principal força de trabalho da área da saúde, representando 65% de profissionais tanto no setor

público quanto no privado. A porcentagem em números de profissionais na área da saúde soma em mais de seis milhões de pessoas.

Carvalho et al. (2008) em seu estudo discute sobre o cuidado como sendo um exercício feminino, e traz argumentações psicobiológicas e histórico-culturais defendendo a hipótese. Em relação à aspectos psicobiológicos, os autores refletem sobre existir maior investimento parental sobre as mulheres, resultando em predisposições para o cuidar. Já do ponto de vista histórico-cultural, argumentam sobre a existência de recursos, como por exemplo a identificação de modelos, como essenciais no processo de preservação cultural de funções e papéis de gênero. Historicamente, portanto, existem evidências sobre o exercício do cuidado se configurar como uma função destinada às mulheres.

Tendo isso em vista, os dados sobre a composição de gênero a respeito dos trabalhadores da saúde ser majoritariamente feminino, de alguma maneira, pode ser um reflexo do contexto sócio-histórico da mulher. Através dos dados coletados na presente pesquisa, verifica-se que dentro das Instituições participantes, os cursos voltados à área da saúde seguem essa tendência. Isso pode ser uma possível explicação para, até os tempos atuais, a grande parcela pública que busca e, efetivamente, cursam graduações na área da saúde, ser feminina.

Considerando que a maioria dos estudantes da amostra trabalham, totalizando 53,7% da amostra, de acordo com Pereira et al. (2016) a carga horária de trabalho somada à limitação temporal para estudos e insuficiência de descanso influenciam de forma direta no desempenho acadêmico, social e laboral dos estudantes trabalhadores. Isso pode acarretar como consequência distúrbios emocionais, físicos e sociais que afetam o rendimento do universitário.

Vale ressaltar uma importante observação a respeito dos alunos trabalhadores das camadas populares em que:

O desafio é a permanência na universidade, considerando a impossibilidade de abster-se do trabalho em prol dos estudos e a consequente dificuldade de conciliar vida acadêmica com atividade laborativa (Pereira, Coutrim, 2020, p. 2).

O fato de que a maioria dos estudantes que trabalham não estarem atuando em práticas laborais concomitantes à área de estudo de graduação, os mantém afastados da realidade profissional futura pós formação, mesmo estando produtivos no mercado de trabalho antes de se graduar.

Apesar disso, é possível verificar que existem possibilidades que as próprias Instituições disponibilizam aos estudantes na tentativa de garantir a permanência

estudantil, como é o caso da bolsa auxílio em que a Instituição paga um determinado valor mensalmente a fim de auxiliar com a manutenção de gastos cotidianos. No Brasil, este recurso configura-se como política pública sob encargo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) que é autarquia vinculada ao Ministério da Educação no país. O FNDE é, portanto, responsável pela oferta de bolsas e auxílios que:

São programas desenvolvidos para o aperfeiçoamento (teórico e prático) e a atualização profissional de professores, gestores e funcionários das redes públicas de ensino no desenvolvimento das atividades de formação continuada, para estudantes universitários em grupos de tutoria e para a permanência na universidade (Brasil, 2024, s/p).

Destaca-se o papel fundamental das Instituições de Ensino Superior em se colocarem como facilitadoras do acesso à universidade e colaboração na formação destes alunos.

Outro recurso financeiro oferecido por muitas Instituições de Ensino Superior é a Bolsa auxílio proveniente de Iniciação Científica. Nesse caso, o aluno contribui em produções de pesquisa científica e, geralmente ganha durante todo o período de realização da pesquisa, um valor monetário. No Brasil, esse recurso configura-se como um Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do CNPq,

que visa à qualificação de estudantes de graduação para a pesquisa científica. Nesse sentido, enseja a participação de alunos em projetos de pesquisa que apresentem qualidade acadêmica, mérito científico e orientação adequada. O programa concede cotas de bolsas de Iniciação Científica a Instituições de Ensino e Pesquisa brasileiras (Brasil, 2020).

Este tipo de recurso não só estimula a participação em produções de estudos científicos como também contribui para a permanência de estudantes na universidade, além de outros objetivos. Na pesquisa em tela, esse benefício foi concedido para 8 pessoas, total de 3,3% da amostra, o que revela que apesar de existir essa demanda, ainda são poucas as pessoas que desfrutam dele.

A maior parte da amostra 90,9% (381) revela que os estudantes são solteiros. Esta informação corrobora com as pesquisas de Ramos et al. (2023), Bresolin et al. (2020), Pires et al. (2020), Bresolin et al. (2022) e Souza et al. (2021) em que a maioria dos acadêmicos pesquisados também se caracterizavam por este estado civil. Mesmo sendo o público majoritariamente solteiros, nem sempre são pessoas que vivem sozinhas, considerando que muitos moram com os pais. Tendo isso em vista, outro fator que influencia na verificação da existência de uma rede de apoio que faz companhia na rotina fora da universidade para estes estudantes são questões de moradia.

Britto (2020) afirma que a “adaptação dos acadêmicos ao curso e à universidade depende de muitos fatores, alguns relacionados a questões pessoais e familiares, outros ao contexto acadêmico” (Britto, 2020, p.49). A respeito de adaptações, do público total que respondeu a esta pesquisa, apenas 18,9% precisaram se mudar para realizar a graduação. Apesar de representarem aqui a minoria, trata-se de uma informação relevante tendo em vista que o processo de adaptação inerente ao ingresso no Ensino Superior, é duplamente complexo para estas pessoas.

A afirmativa de Brito (2020) de que “jovens que contam com apoio emocional e instrumental da família, que são preparados para ter mais autonomia, sentem-se mais seguros para morar longe dos pais” (Brito, 2020, p.50), pode significar que morar sozinho com apoio é diferente de morar sozinho sem esse recurso, tendo em vista as influências no funcionamento cotidiano dos discentes.

É fundamental entender que há uma grande parcela de universitários que não possuem apoio de seus pais ou mesmo da família, o que pode indicar uma maior dificuldade em enfrentar os desafios da vida acadêmica. A pesquisa de Lacerda, Yunes e Valentini (2021) objetivou investigar a respeito das relações interpessoais, qualidade dos vínculos e sobre a função de uma rede de apoio de estudantes universitários que residiam em moradia estudantil. A pesquisa aponta que a rede de apoio é o motor das relações sociais e atua como um fator de proteção em situações diversas, com uma maior ênfase para o suporte familiar e dos amigos. Os autores ainda afirmam que a moradia estudantil auxilia no processo de ultrapassar as adversidades da rotina universitária além de contribuir para permanência desses discentes na instituição.

Nesse sentido, a moradia de estudantes universitários se mostra como um fator significativo também para a experiência acadêmica. De acordo com a publicação de um blog de residência estudantil denominado Uliving Student Housing é fundamental olhar a “educação sobre o estudante como um todo e o entendimento de que, para realizar essa meta, instituições devem encontrar muitas maneiras para unir oportunidades de aprendizagem extraclasse ao currículo” (Uliving, 2021, s/p).

A discussão sobre a importância das relações sociais na trajetória do Ensino Superior torna-se mais intrincada quando pensamos em estudantes que possuem um ou mais filhos, ou seja, aqueles estudantes pais e mães. Para estes, além das obrigações acadêmicas, presença em aulas e eventos, produção de trabalhos acadêmicos, há também os cuidados diários com a rotina de seus filhos, o que requer muita diligência.

No estudo de Brito et al. (2021) que avalia o impacto da maternidade e parentalidade de graduandos de Medicina analisando suas percepções, desafios e

motivações, é apontado sobre como o envolvimento afetivo, atenção, cuidado e tempo devotado à prole representam um grande desafio na trajetória acadêmica, ainda mais em cursos de saúde como o de Medicina, em que há uma alta e extensa carga horária de estudos. Os resultados da pesquisa apontam que os estudantes se sentem limitados em relação aos afazeres e responsabilidades individuais e profissionais, e de que as obrigações parentais acabam comprometendo o rendimento acadêmico, mesmo os dados expressando desempenho semelhante entre estudantes pais e não pais.

A respeito do exercício da parentalidade, destaca-se aqui o papel da parcela feminina que, de acordo com Saalfeld (2019):

Antes de serem universitárias e mães, são mulheres. Algumas delas são casadas, solteiras, viúvas, chefes de família, que estão inseridas em diferentes contextos de vida, classes sociais, etnias, idades, grupo familiar, mas que recorrem à universidade em busca de melhores condições de vida (Saalfeld, 2019, p. 29).

O estudo de Saalfeld (2019) ainda contribui para o debate do papel da mãe universitária pensando também naquelas que se submetem a jornadas “triplas” diariamente num cotidiano envolvendo filhos estudos, casa e trabalho. Esses casos implicam um outro formato na experiência da vida acadêmica, considerando a rotina de universidade porta à fora que também faz parte do caminho até o diploma.

Ainda sobre os dados sociodemográficos, foi questionado a respeito da renda familiar buscando entender as possíveis condições econômicas em que vivem os participantes da pesquisa. Trata-se de um questionamento pertinente, tendo em vista que os direitos, sejam eles civis ou sociais, mas, fundamentalmente os direitos humanos, só podem ser garantidos a partir de recursos materiais, como discute Joaquim Herrera Flores em sua obra *A (re)invenção dos Direitos Humanos* (2009).

Os resultados da presente pesquisa, assim como um reflexo do macro-social, mostram que a parcela mais abastada financeiramente corresponde a minoria (9,1%) com mais de 10 salários mínimos, enquanto a maior parte dos alunos (sobre)vivem com 10% do total que vivem essas poucas pessoas. Esses dados retratam a desigualdade social vivenciada pela população brasileira que segue uma tendência mundial frente aos avanços de políticas neoliberais que mantém condições sub-humanas de vida para a maior parcela populacional. Apesar disso, não foi observada uma diferença relevante entre as médias dos alunos em relação à renda familiar.

Nesse sentido, há um impacto na experiência acadêmica de alunos menos favorecidos economicamente, como é retratado na pesquisa de Abreu e Ximenes (2021)

em que se buscou entender possíveis implicações psicossociais da pobreza de estudantes universitários para permanência na universidade através da assistência estudantil. Em relação aos resultados, aspectos materiais, subjetivos, e de aprendizagem foram investigados. A respeito do primeiro, aos alunos pobres há limitações financeiras para subsistência mínima, distância residencial ou deslocamento geográfico, obrigatoriedade de atividade laboral, acesso à materiais bibliográficos e equipamentos limitados. Sobre aspectos subjetivos, verifica-se implicações no que tange às relações sociais e a condição financeira como uma fronteira nos círculos sociais. Já sobre aspectos pedagógicos se envolvem na discrepância da educação básica e domínio de outras línguas, além da falta de tempo e ambiente para estudo.

Houve questionamentos a respeito do curso no qual os discentes estavam matriculados, tendo em vista que todos os cursos se enquadram na área de Ciências Biológicas e da Saúde. Como já referido anteriormente, a área da saúde tem se mostrado uma variável de destaque em pesquisas sobre universitários revelando dados que mostram um dano maior à saúde mental desse grupo. A respeito das características agravantes desses cursos, Bresolin et al. (2020) afirma que:

Estudantes universitários da saúde, particularmente ainda existem outros possíveis fatores agravantes, como a iniciação à atividade clínica, o contato com pacientes com doenças graves e terminais, conflitos éticos, vulnerabilidades sociais e fragilidade do sistema. Esses fatores tendem a contribuir para o surgimento de dificuldades interpessoais e o aparecimento de sintomas de sofrimento psíquico, como a depressão (Bresolin et al., 2020, p. 2).

A pesquisa de Bresolin et al. (2021), também voltada para a população de estudantes da saúde, afirma que a depressão nesse grupo tem sido evidenciada com uma alta prevalência com valores entre 34,73 a 95% que se revelam preocupantes. Além disso, os autores discutem sobre o contexto acadêmico da área da saúde e em como ele pode associar-se à depressão e estresse por conta do contato com pacientes em sofrimento assim como familiares, identificação de adversidades organizacionais e carga horária alta não só dos estágios, mas de aulas práticas também. As próprias demandas de atividades desses cursos mostram-se como um agravante na qualidade de vida desses universitários.

Aprofundando a discussão sobre as possíveis razões pelas quais os cursos de saúde desencadeiam sintomas de estresse, Bresolin et al. (2021) aponta que:

Podem acontecer devido à competição entre os estudantes em relação à obtenção de melhores notas nas disciplinas, muitas horas de estudo, desafio psicoemocional em atuar com pessoas doentes e ter que lidar com casos com a morte e terminalidade, tornando-os mais ansiosos e com maior risco de adoecimento (Bresolin et al., 2020, p.7).

Essas evidências corroboram com a pesquisa de Paro e Bittencourt (2013) em que é avaliada e comparada a qualidade de vida de estudantes da área da saúde. Na comparação entre as séries, o curso de farmácia apresentou os piores escores de qualidade de vida nos períodos iniciais da graduação com tendência de melhora nos anos seguintes. Os demais cursos (enfermagem, fonoaudiologia e medicina) apresentam piores resultados nos anos de finalização do curso, estando relacionado à ampliação das atividades de estágios, assim como outras atividades práticas.

De acordo com Ariño (2018) a população universitária caracteriza-se como vulnerável para o desenvolvimento de transtornos mentais comuns, como depressão, ansiedade e estresse. Verifica-se que 20,8% (87) do público respondente da presente pesquisa possui algum diagnóstico de Transtorno Mental, o que pode indicar uma disfuncionalidade de saúde mental prévia à universidade. Os mesmos 20,8% de estudantes afirmaram que há diagnóstico de Transtorno Mental na família, o que não necessariamente indica um fator genético em relação à condição psicológica, podendo representar as condições socioeconômicas que vivenciam de forma semelhante. Esses dados revelam que, muitas vezes, as demandas de sofrimento psíquico e sintomas psicológicos já fazem parte do cotidiano de algumas pessoas que passam a frequentar o mundo universitário e que, ao adentrarem a esse novo contexto, podem vivenciar um agravamento dos sintomas dos seus respectivos Transtornos. Isso poderia explicar as diferenças significativas encontradas na análise estatística dos estudantes que possuem diagnóstico em detrimento dos que não possuem sobre como percebem as vivências acadêmicas.

Segundo Bresolin et al. (2020), a depressão em altas prevalências têm sido encontrada na população de estudantes universitários da área da saúde. De acordo com o Manual Diagnóstico dos Transtornos Mentais 5 (DSM-5), as características comuns à esse transtorno referem-se à “presença de humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo” (DSM-5, 2014, p.155). É constatado por Bresolin et al. (2020) variáveis relacionadas com os sintomas depressivos como:

Desejo de mudar de curso, dificuldade no relacionamento social e ambiente de ensino com muitos problemas [...], sexo, depressão basal, neuroticismo ou psicoticismo, pensamentos negativos automáticos ou ruminação negativa, atitude disfuncional, abuso na infância, abuso sexual e eventos estressantes da vida (Bresolin et al., 2020, p.2).

Apesar dos Transtorno Mentais e disfuncionalidades psicológicas fazerem parte da vida cotidiana para uma grande parcela da população mundial, existem diversas possibilidades de auxílio para seu cuidado e tratamento, como é o caso da psicoterapia além do acompanhamento psiquiátrico. Verifica-se que da parcela total da amostra da pesquisa, apenas 16% de estudantes têm acesso a psicoterapia. Isso pode indicar a falta de políticas públicas em relação ao cuidado e tratamento em saúde mental que limita essa possibilidade aos poucos que possuem recursos suficientes capazes de sustentar esse tipo de tratamento.

A pesquisa de Dias, Silva, Oliveira e Marques (2021) afirma que a aplicação da psicologia somada a intervenções terapêuticas pode mitigar a pressão evitando uma vivência universitária adversa, uma vez que ao adquirir autoconhecimento, ou seja, o reconhecimento e compreensão do próprio funcionamento, capacita discentes a desenvolverem aptidões que facilitam a gestão e manejo de seus conflitos.

5.6 DADOS DO QUESTIONÁRIO DE VIVÊNCIAS ACADÊMICAS (QVA-R)

Esta seção do estudo refere-se à discussão dos dados obtidos do QVA-r que foi a última parte referente ao formulário aplicado com estudantes universitários de cursos da área das Ciências Biológicas e da Saúde. Busca-se debater sobre a associação entre as percepções e a saúde mental dos acadêmicos. É importante destacar que nenhuma média avaliada das vivências acadêmicas foi elevada quando comparada umas com as outras. Isso representa que não há um nível alto de adaptação frente as dimensões que compõe as vivências acadêmicas.

A pesquisa de Ariño (2018) afirma que existem evidências que indicam a possibilidade de a população universitária ser “vulnerável ao sofrimento psíquico e à presença de Transtorno Mentais não Psicóticos, marcados por eventos contextuais como a experiência acadêmica” (Ariño, 2018, p.5). Além disso, a autora explica sobre o termo Vivências Acadêmicas definido em como o estudante percebe as próprias condições pessoais (em como tem se sentido por exemplo), relacionais (refere-se as relações interpessoais da vida do sujeito) e contextuais (refere-se ao ambiente físico, material, em relação à como se relaciona com os estímulos do ambiente e como se organiza e lida com este ambiente) que participam do contexto universitário e em como é essa experiência e adaptação à nova realidade.

É relevante considerar também que vivências acadêmicas “interferem na adaptação, no engajamento com o curso escolhido e também no aproveitamento acadêmico” (ARIÑO, 2018, p.6) e que essas são questões que perpassam as condições

de saúde mental de cada um/a. A conquista de um diploma universitário é uma oportunidade de avanço e mobilidade social, como afirma Brito (2020) e se faz necessário e fundamental encontrar meios pelos quais haja segurança nessa trajetória e período de vida.

Portanto, voltar a atenção para as demandas existentes de saúde mental do grupo de acadêmicos é possibilitar novas configurações no universo acadêmico de modo a trabalhar para garantir a permanência, a finalização, o aproveitamento das oportunidades que permeiam esse ambiente, além de uma experiência positiva e frutífera para uma grande parcela populacional.

5.7 DIMENSÃO PESSOAL

É de suma importância reafirmar que esta dimensão contempla diversos aspectos que envolvem saúde mental como avaliação do bem-estar físico e psicológico, equilíbrio emocional, estabilidade afetiva, otimismo e autoconfiança. É essencial considerar também que todos esses aspectos são garantidos através de condições ambientais favoráveis, dispor de habilidades e recursos funcionais, além de satisfação das necessidades básicas, físicas e emocionais. Ariño (2018) afirma que:

A universidade é um espaço de fundamental importância para o desenvolvimento de vida, uma vez que promove a ampliação do rol de habilidades e competências profissionais e pessoais [...] assim como uma melhora no funcionamento cognitivo de seus alunos (Ariño, 2018, p.8).

Esta dimensão foi a pior avaliada tendo em vista que foi a que obteve menor média (2,91) e representa o domínio de menor adaptabilidade dos estudantes. Uma possível razão para esse resultado são as respostas com tendência à neutralidade (não concordo e nem discordo) que é representada pelo número 3 na escala Likert em que o instrumento é avaliado. Optar por esta resposta pode ser um indicativo da ausência de um recurso de identificação das próprias condições de humor e suas oscilações no cotidiano por exemplo, e trata-se de uma habilidade necessária para um manejo mais funcional no dia-a-dia.

Em relação ao humor, de acordo com Brito (2020) o estado do humor aparece como normal, elevado ou deprimido e, em circunstâncias comuns, é normal que as pessoas experienciam diferentes estados de humor em decorrência das variadas situações que são vivenciadas no dia-a-dia, mas sem a perda do controle emocional.

Considerando que há uma grande parte de alunos que convivem com variações de humor, ou mesmo não conseguem identificar essas variações e as próprias emoções, torna-se essencial pensar sobre estratégias de regulação emocional, que podem ser aliadas no processo de oscilação do humor e reconhecimento emocional. Pellison e Boruchovitch (2022) definem essas estratégias como “ações desempenhadas pelos indivíduos, de maneira consciente ou não, para manter, aumentar, diminuir ou modificar um ou mais componentes de uma resposta emocional” (Pellison, Boruchovitch, 2022, p.3).

Os autores Pellison e Boruchovitch (2022) ainda afirmam que o uso de estratégias de regulação emocional pode ajudar estudantes a melhorar o desempenho acadêmico, mas chamam atenção para os professores que também, assim como os discentes, necessitam reconhecer e regular as próprias emoções e classificam esse processo como fundamental para a promoção de estratégias regulatórias das emoções.

Por meio das respostas, nota-se que há muita discrepância entre as respostas e que a percepção é muito relativa para cada pessoa, além de revelar percepções comparativas. No estudo de Fernandes (2021) em que se estuda a comparação social como um fator associado ao suicídio, os resultados evidenciam que as comparações que não são favoráveis provocam um impacto negativo na autoestima assim como na sintomatologia depressiva e ideação suicida.

Questionamentos nessa dimensão buscam entender o quanto estudantes concordam/discordam sobre sentirem-se desorientados e confusos por exemplo, e verifica-se uma falta de consenso entre os discentes. Sobre sentirem que estão perdendo o controle, os resultados podem estar relacionados com o fato desses estudantes estarem, essencialmente, passando por um momento adaptativo à uma nova realidade.

A respeito disso, de acordo com Granado et al. (2005) “A entrada no Ensino Superior representa uma descontinuidade em relação a experiências pessoais, sociais e acadêmicas anteriores” (Granado et al., 2005, p.33). Os autores ainda ressaltam que o processo de integração acadêmica é multifacetado, complexo e multidimensional e que sofre influência a partir de como se estabelecem as relações entre o estudante e a instituição no cotidiano. Bresolin et al. (2020) afirma que jovens nessa fase passam por mudanças, perdas e adaptações a novas rotinas pertencentes a esse momento. É apontado que,

Em seu cotidiano acadêmico os estudantes vivenciam novas situações, que requerem adaptações e englobam exigências do próprio curso e/ou instituição devido ao elevado número de disciplinas a serem cursadas e à concorrência do mercado de trabalho, que somadas às exigências familiares acrescenta o temor do fracasso profissional e do desprestígio social, podendo desencadear sintomas depressivos (Bresolin et al., 2020, p.2).

A dimensão pessoal avalia se estudantes sentem sonolência e cansaço durante o dia também. Considerando o papel fundamental do sono para restaurar energia, concentração, consolidação da memória, além de interferir nos processos de aprendizagem, a pesquisa de Carvalho et al. (2013) verificou que alunos da área da saúde e exatas possuíam má qualidade de sono e sonolência excessiva durante o dia. A pesquisa ainda constata que esses sintomas seriam consequências de horários irregulares de sono, mas também das exigências acadêmicas, uso de computadores em horário noturno, assim como atividades sem relação com a universidade como jogos eletrônicos e uso de redes sociais.

A maior parte da amostra de respondentes concorda totalmente sobre estar sentindo-se ansioso/a. Esse resultado revela ansiedade presente em estudantes universitários que corrobora com diversas pesquisas em que a ansiedade foi uma variável avaliada como as pesquisas de Alves et al. (2021), Silva et al. (2021), Fragelli e Fragelli (2021) por exemplo. No estudo de Soares, Monteiro e Santos (2020), as autoras realizam uma revisão sistemática sobre ansiedade em estudantes do ensino superior e mais de 35 pesquisas científicas são rastreadas, o que revela o quanto esse fenômeno é frequente nesse grupo de indivíduos.

Para Silva et al. (2021) a ansiedade se configura enquanto um estado emocional no qual se antecipa situações futuras consideradas ameaçadoras, trazendo preocupações para quem a sente. A convivência com sintomas ansiosos pode evoluir para um quadro mais grave, como o desenvolvimento de um transtorno mental. Segundo Brito (2020) as publicações de artigos que têm como objeto de investigação a ocorrência de transtornos depressivos e de ansiedade em estudantes do Ensino Superior é vasta.

Soares, Monteiro e Santos (2020) afirmam que os transtornos mentais prevalecem aos estudantes universitários, esta condição não só prejudica a saúde dessa parcela social, como a sua qualidade de vida também. As autoras ainda afirmam que:

Dentre os transtornos mentais, a ansiedade é de alta prevalência entre os estudantes universitários. Talvez, pelos elevados níveis de pressão inerentes às atividades acadêmicas, somados à pressão no ambiente familiar, bem como ao estresse implicado na tentativa de conciliar estudos e trabalho (Soares, Monteiro, Santos, 2020, p. 994).

Tendo em vista a discussão feita até aqui, entende-se que questões em relação ao humor e suas variações, bem como as oscilações emocionais, as comparações entre pares, a parcela significativa de alunos que vivem a rotina acadêmica permeada por sonolência e cansaço além de ansiedade e sensação de perda de controle, revelam a

necessidade de se ter recursos saudáveis e funcionais para manejar essa dinâmica interna com o ambiente e as atividades por ele requeridas. Esses recursos seriam o que Lawton (1991) discorre sobre competência comportamental, que representa uma forma sócionormativa para avaliar o funcionamento de um ser humano no que tange à saúde, a maneira de utilização do tempo e suas dimensões tanto sociais como cognitivas. Em seu cotidiano, as referidas competências se refletem pela independência e autonomia e se relacionam com o contexto ambiental.

Nesse sentido, as Instituições de Ensino Superior, frente a diversidade e quantidade de pesquisas na área, podem através do testemunhos trazidos por esses estudos científicos, pensar em estratégias de intervenção que busquem auxiliá-los nesse processo de condução das questões psicológicas internas em relação as demandas universitárias tendo em vista os prejuízos que a falta de habilidades em lidar com essas questões traz para o indivíduo (desenvolvimento de transtorno mentais por exemplo), para a própria Instituição (evasão institucional por exemplo) e para a sociedade como um todo.

5.8 DIMENSÃO INTERPESSOAL

A avaliação desta dimensão faz referência a relações com colegas, aptidões nas relações interpessoais com mais intimidade, fortalecimento de laços de amizade e capacidade da busca por ajuda.

Tendo em vista que a evasão do Ensino Superior de acordo com Soares, Seaba e Gomes (2016), pode estar associada com as dificuldades de adaptação à universidade, entende-se que a relação professor/aluno, com colegas e com a própria instituição faz parte do processo adaptativo. As autoras ainda citam um estudo que identificou a dimensão interpessoal correlacionada com a dimensão carreira o que aponta para a valorização que estudantes têm pelo contato com os professores o que os auxilia na motivação para prosseguir com seus estudos na área que escolheu. Elas afirmam que:

Os estudantes entendem que as relações interpessoais acadêmicas abrem possibilidades para construção de um futuro profissional promissor, o que os motiva a permanecer no curso escolhido (Soares, Seaba, Gomes, 2016, p.145).

Nesse sentido, uma questão importante para o manejo saudável e funcional das relações humanas trata-se das habilidades sociais. Del Prette e Del Prette (2017) definem as habilidades sociais como um construto que envolve comportamentos

valorizados socialmente na cultura específica de uma população, com probabilidade alta em resultar consequências favoráveis para o sujeito e sua comunidade ou grupo e que contribuem para um desempenho social competente nas relações interpessoais.

Soares, Seaba e Gomes (2016) ressaltam sobre o papel fundamental a ser desempenhado por instituições do Ensino Superior de subsidiar o “desenvolvimento de competências sociais, fundamentais aos relacionamentos interpessoais estabelecidos durante a graduação e, posteriormente, para o desempenho profissional” (Soares, Seaba, Gomes, 2016, p.145). De acordo com Soares et al. (2016) acadêmicos que conseguem estabelecer integração acadêmica e social possuem uma chance mais alta de adaptar-se assim como crescer pessoal e intelectualmente em comparação com estudantes que vivenciam dificuldades nas relações pessoais.

Os resultados derivados dos itens desta dimensão corroboram com a pesquisa de Goulart (2017) na qual as respostas, assim como a presente pesquisa, parecem ter resultados adequados. Como pode ser verificado na seção de resultados, o valor da média em comparação as demais dimensões, demonstra-se que há uma melhor adaptação pelos participantes da pesquisa em quesitos de relações interpessoais.

Entretanto, é importante voltar atenção às porcentagens daquelas pessoas que não conseguem estabelecer relações satisfatórias na universidade pois podem ser os dados futuros de evasão do Ensino Superior. Como afirma Goulart em sua pesquisa: “esses alunos estão declarando dificuldades em se relacionar, fato que não deve passar despercebido” (Goulart, 2017, p. 22).

Apesar desta dimensão ter obtido uma média que representa uma maior adaptação em relação as outras dimensões, vale ressaltar que nenhuma dimensão retrata uma média elevada, o que indica que há questões a serem aprimorados em relação aos aspectos avaliados nesta dimensão.

Além disso, o fato de haver maior adaptação em relação aos demais domínios, não anula a responsabilidade da universidade em pensar em ações que possam contribuir para o desenvolvimento de relações sociais saudáveis e satisfatórias, não pensando somente nos estudantes, mas em toda a comunidade acadêmica.

Uma possibilidade seria explorar mais as atividades extracurriculares por exemplo, pensando em como a universidade acontece também para fora de seus *campus*. Eventos que abordem temas específicos que unem pessoas que compartilham do mesmo interesse, práticas esportivas, dinâmicas que forneçam treinamento em habilidades sociais, reuniões culturais são alguns exemplos.

5.9 DIMENSÃO CARREIRA

Esta dimensão compila avaliações sobre sentimentos envolvidos com o curso de graduação, percepções futuras da carreira e vida profissional além de projetos vocacionais.

Para discutir a respeito desta dimensão, é importante considerar que, como bem colocado por Berger e Luckmann (2009), a realidade é constituída a partir do social. Eles afirmam que

O homem é biologicamente predestinado a construir e habitar um mundo com os outros. Este mundo torna-se para ele a realidade dominante e definitiva. Seus limites são estabelecidos pela natureza, mas, uma vez construído, este mundo atua de retorno sobre a natureza. Na dialética entre natureza e o mundo socialmente construído, o organismo humano se transforma. Nesta mesma dialética o homem produz a realidade e com isso produz a si mesmo (Berger, Luckmann, 1966, p. 233).

Visto isso, recorre-se ao conceito de identidade que, de acordo com Gondim, Bendassolli e Peixoto (2016) é um conceito relevante tanto para a construção do eu como para a inserção social. Os autores afirmam que “a identidade é um fenômeno relacional e que se constrói na oposição entre o eu e o outro, e entre o grupo social de pertencimento e o de diferenciação” (Gondim, Bendassolli, Peixoto, 2016, p.220). Nesse sentido, existe a identidade pessoal, interferida pelas vivências individuais estabelecidas pelo contato com o ambiente que rodeia o ser, enquanto a identidade social “se vê implicada no exercício de papéis e no pertencimento a diversos grupos sociais que sofrem mudanças ao longo do tempo” (ibid idem).

Visto isso, é possível depreender que durante um período de graduação, existe um processo de construção de um novo papel social que possui características, crenças, valores, significados além do domínio de um conhecimento teórico, técnico e especializado em desenvolvimento que será compartilhado com um grupo específico. E esse movimento interfere diretamente na construção da identidade do/a aluno/a. Como afirmam Gondim, Bendassolli e Peixoto (2016) um grande dilema enfrentado por jovens que estão a um passo de adentrar o mercado de trabalho é conciliar identidade profissional e pessoal.

Os itens desta dimensão parecem ter resultados adequados, o que indica uma maior adaptação às questões pertinente à dimensão, pois a maior parte das afirmações possui concordância dos respondentes. Esses resultados representam que os estudantes demonstram segurança e envolvimento frente a decisão do curso de

graduação que fizeram, que corroboram com a pesquisa de Goulart (2017). Isso demonstra que pode haver maior habilidade em lidar com os obstáculos que envolvem a integração na carreira escolhida.

Ainda a respeito dessa dimensão, Goulart (2017) afirma que a trajetória acadêmica é essencial para o amadurecimento e otimização da carreira, “pois é na formação que o estudante tem a oportunidade de conhecer melhor a profissão para a qual está se preparando e refletir se é aquela que realmente gostaria de seguir” (Goulart, 2017, p.24).

Nota-se que os resultados mais adaptativos nesta dimensão, como os encontrados com a presente pesquisa, refletem uma identificação com o curso e parecem estar desenvolvendo uma identidade de trabalho. A respeito disso, Gondim, Bendassolli e Peixoto (2016) reiteram que esse tipo de identidade pertence ao contexto laboral e se orienta por crenças a respeito do trabalho enquanto uma atividade humana e pelos vínculos afetivos que participam dessa dinâmica.

5.10 DIMENSÃO ESTUDO

A referida dimensão realiza avaliação referente aos hábitos de estudo e gestão do tempo, uso de recursos que favorecem aprendizagem disponibilizados pela intuição e preparação a provas e testes.

Seguida da dimensão Pessoal, a dimensão Estudo é a que apresenta os dados mais preocupantes no sentido de que os acadêmicos apresentam maiores níveis de desadaptação, considerando os valores das médias. Isso porque uma grande parte deles discordam sobre administrar bem o tempo, realizar planejamento de tarefas diárias e ser eficaz na preparação para período de provas. Além disso, os itens que compõem essa dimensão obtiveram mais respostas de neutralidade em comparação às outras dimensões.

Esses dados refletem uma incoerência, tendo em vista que na pesquisa de Kahão e Kienen (2021) as estratégias de ensino mais frequentes para o desenvolvimento do repertório que o ambiente acadêmico requer são de *workshops* de gestão do tempo.

Assim como na pesquisa de Goulart (2017), uma dificuldade em administrar o tempo é um dado que se sobressai tanto por ser uma demanda que necessita atenção institucional quanto por ser uma habilidade fundamental para um bom rendimento e desempenho acadêmico. Vieira-Santos e Malaquias (2022) em seu estudo que investiga a procrastinação acadêmica, afirmam que ao comparar as atividades do Ensino Superior e do Ensino Básico, essas tornam-se “mais complexas, mais extensas e requerem um

nível maior de autonomia e criticidade para serem executadas” (Vieira- Santos e Malaquias, 2022, p. 4).

Se há falta de adaptação frente a novos desafios com o ingresso à universidade, uma forma mais eficiente de administrar o tempo para resolutividade das atividades é através do desenvolvimento de habilidades como , tanto pessoais quanto as de trabalho, casa, e estudantis, designar objetivos e estabelecer prioridades, desenvolver planos de ação, manejar imprevisibilidades, cumprir com prazos e produzir listas de tarefas como é discutido por Oliveria et al (2016), Vieira-Santos e Malaquias (2022).

Entretanto, enfatiza-se que sofrimento mental, disfuncionalidade de vida no cumprimento das atividades cotidianas é um fenômeno multifatorial, não se resumindo à falta de competências. Envolve outras questões como dificuldade em tomar decisões, padrões de funcionamento perfeccionistas, indisciplina, ansiedade de avaliação, envolve também a personalidade e características sociais demográficas como é apontado na Pesquisa de Vieira-Santos e Malaquias (2022) e Steel (2007). Os resultados obtidos na presente pesquisa demonstram isso também quando verificamos como houve diferença significativa nas percepções das pessoas mais velhas em detrimento das mais jovens, das que possuem filhos e as que não possuem por exemplo.

Apesar disso, a amostra de respondentes da pesquisa possui respostas favoráveis a respeito de se sentirem capazes para estudar e pontualidade nas aulas. Tendo em vista os dados apresentados sobre esta dimensão, evidencia-se a relevância de um maior interesse de um olhar atento das Instituições de Ensino Superior voltados para as metodologias de estudo e organização do tempo de sua comunidade acadêmica.

Na pesquisa de Goulart (2017) é sugerido que sejam realizadas ações pedagógicas para serem realizadas por serviços de apoio estudantil ou através da docência, que auxiliem os/os acadêmicos desenvolverem autorregulação “para criar o hábito de estudo, a aprendizagem e o desenvolvimento multidimensional dos estudantes” (Goulart, 2017, p.26).

Nesse sentido, sugere-se como possibilidade intervenções em que sejam estimulados o desenvolvimento de comportamentos autorregulatórios de aprendizagem que, de acordo com Mattoso e Almeida (2022), referem-se aos comportamentos de aprendizagem que envolvem habilidades cognitivas e metacognitivas, organizacionais e de ordem psicológica que podem ser autorregulados na maneira de se administrar a própria aprendizagem.

Em sua pesquisa, Mattoso e Almeida (2022) fazem o uso de um aplicativo que visa auxiliar a gestão do tempo e organicidade com objetivo de melhorar a procrastinação

acadêmica, argumentando que as intervenções necessárias para auxílio da adaptação às vivências acadêmicas “precisam estar adequadas a realidade que temos vivenciado atualmente, que exige dos educadores orientações e projetos inovadores e que envolvam tecnologia” (ibid, p.2).

Um comportamento autorregulatório de aprendizagem pode auxiliar em uma melhor absorção dos conteúdos, uma maior envoltura com o processo de estudo e desempenho acadêmico segundo Ganda e Boruchovitch (2018).

5.11 DIMENSÃO INSTITUCIONAL

Reitera-se que esta dimensão avalia o apreço dos acadêmicos pela universidade que frequentam, vontade de permanecer ou mudar de instituição, apreço da infraestrutura e o conhecimento dos serviços ofertados pela universidade.

Através do cálculo das médias desta dimensão, que foi uma das mais altas em detrimento as outras, verifica-se que os estudantes possuem percepções favoráveis a respeito da infraestrutura de suas respectivas universidades.

O que chama atenção são os resultados frente aos serviços oferecidos pelas universidades que têm mais respostas de neutralidade e discordância. Goulart (2017) afirma que “Conhecer o local onde está inserido é importante para o processo de vivência acadêmica e pode interferir no desejo de permanecer na universidade que pertence” (Goulart, 2017, p.27).

Tendo em vista que o grupo pesquisado corresponde a área das Ciências Biológicas e da Saúde, a infraestrutura corresponde a um fator chave na formação tendo em vista que são cursos que requerem diversos tipos de equipamentos, salas especializadas, laboratórios de diferentes tipos, clínicas escola para atendimento ao público para além das salas de aula, salas de informática e bibliotecas e demais materiais necessários ao currículo. Uma pesquisa realizada há 10 anos atrás já conferia à infraestrutura sua fundamental estruturação para a formação acadêmica quando Marques, Pereira e Alves (2010) observam:

É importante ressaltar que a formação dos profissionais nas IES é percebida pelas condições proporcionadas pela infraestrutura. Sendo assim, as condições neste aspecto podem facilitar ou dificultar o desenvolvimento do estudante universitário (Marques, Pereira e Alves, 2010, p. 92).

Mesmo observando resultados positivos a respeito das condições de infraestrutura das universidades pesquisadas, é relevante destacar a vigilância

institucional a esse respeito. Como é apontado por Goulart (2017) a localização da instituição, a cultura local, as metodologias para recepção dos estudantes que chegam, os programas e projetos ofertados para auxiliar no processo de formação do alunado são exemplos de aspectos que interferem na experiência e adaptação ao Ensino Superior.

Ressalta-se que para estar integrado e adaptado à universidade, o conhecimento do local é algo necessário e que os resultados da presente pesquisa mostram que há uma adaptação satisfatória pelos pesquisados sobre a instituição em que estudam.

6 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Uma série de limitações podem ser elencadas como limitações no questionário sociodemográfico, a falta de dados de mais cursos da área de Ciências Biológicas e da Saúde como o curso de Medicina por exemplo, inclusão de mais análises estatísticas, uma revisão de literatura com as palavras chaves idênticas as selecionadas para a versão final do estudo são alguns exemplos.

. As questões rastreadas poderiam ter um refinamento maior e mais características poderiam ter sido questionadas como gênero, orientação sexual, etnia. Além disso, a inclusão de mais instrumentos de medida poderia trazer uma maior variedade de comparações e que abordassem os temas relativos às dimensões das vivências acadêmicas, poderiam enriquecer a pesquisa com mais detalhes sobre o perfil da amostra em mais variáveis.

Além disso, uma das questões do questionário sociodemográfico em que se perguntava se aquele indivíduo recebia recursos da universidade não contemplava como opção de resposta todas as possibilidades de recurso, o que não permite a utilização efetiva das informações sobre esse aspecto.

Outra limitação deste estudo refere-se a ausência da coleta de dados com alunos do curso de Medicina, já que são muitos estudos referenciados voltados a este público que são citados ao longo do texto. Somente uma das Instituições participantes contém o curso de Medicina e ocorreram adversidades em relação ao contato para realizar a coleta de dados com a turma ingressante do curso. Além disso, foi estipulado um determinado período de tempo para a coleta de dados, e não foi possível fazer o agendamento da coleta de dados com a turma de Medicina dentro desse período, o que configura uma limitação da pesquisa.

Sugere-se que as pesquisas futuras sobre o tema pensem numa padronização de questões sociodemográficas para existir uma coleta mais uniforme dos dados para compará-los. Acaba que apesar de existirem muitas informações sobre a amostra que aqui se pesquisa, são poucas as intervenções inovadoras, atividades práticas e possibilidades em ação se materializando.

Em muitos estudos o sexo é pesquisado, mas não o gênero, ou então questionam sobre estado civil, mas não questionam com quem estudantes moram por exemplo, o que dificulta a união das informações entre as diversas pesquisas que abrangem o tema.

7 CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO

Considera-se as contribuições desse estudo centralizam-se na verificação das possíveis razões em que se estruturam as diferenças entre as médias calculadas, no que se refere a condição sócio demográfica daquele/a estudante, bem como das dimensões das vivências acadêmicas. Nota-se que os acadêmicos mais velhos, que moram com os pais ou com companheiros, que possuem filho/a/s, que trabalham, que não dispõem de transtorno mental, nem seus familiares, possuem uma maior adaptação às vivências acadêmicas, tendo em vista que suas respostas no formulário da pesquisa refletem uma maior concordância geral sobre os aspectos das vivências acadêmicas que são avaliados.

Portanto, é foi possível discutir em quais aspectos que compreendem o contexto universitários há mais ou menos nível de adaptação dos indivíduos participantes da pesquisa, em quais itens que compreendem as vivências acadêmicas há mais ou menos concordância, considerando suas condições sociodemográficas.

Essa dinâmica entre contexto universitário-estudantes pode auxiliar no entendimento de quais são as possíveis características ambientais, sejam elas físicas ou sociais, que podem interferir na qualidade e integridade da saúde mental dessa rede de alunos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível investigar a percepção de estudantes universitários da área das Ciências Biológicas e da Saúde considerando as condições sociodemográficas e as dimensões em que se distribuem as vivências acadêmicas e verificar que as formas de experienciar e perceber as vivências acadêmicas são muito particulares para cada aluno/a. Pode-se verificar que a percepção global das vivências acadêmicas foi melhor para pessoas mais velhas, que trabalham, casadas, que residem com companheiros, que possuem e residem com os filho/a/s, com diagnóstico de transtorno mental no sujeito e sua família.

As avaliações mais baixas foram das dimensões Pessoal (média 2,91) e Estudo (média 3,15), demonstrando que são as vivências acadêmicas com menores níveis de adaptação. As dimensões Carreira (média 3,89) e Institucional (média 3,74) foram as que receberam maiores níveis de adaptação.

Não foi possível observar tendências ou similaridade nas formas de percepção. Nenhuma média apresentada foi elevada o suficiente para revelar níveis altos de adaptação frente as vivências acadêmicas.

A partir deste estudo, foi possível traçar as possibilidades de associações entre as percepções sobre as vivências acadêmicas e como interferem e afetam a saúde mental de estudantes universitários. As vivências acadêmicas fazem parte de um processo auto perceptivo, individual que pode ser experienciado de uma maneira disfuncional e, por vezes patológica, pelos estudantes universitários.

Verificou-se que na dimensão pessoal das vivências acadêmicas, os estudantes podem conviver com dificuldades no reconhecimento do próprio estado de humor, suas variações, suas emoções, o que pode dificultar o processo de regulação emocional saudável e funcional. As possibilidades de consequências recaem sobre o desempenho acadêmico e ao processo de adaptação à universidade, que podem ser afetados negativamente. Sugere-se desenvolvimento de estratégias de regulação emocional para docentes e discentes como uma possibilidade de ação.

Referente à dimensão interpessoal, verifica-se que os participantes estão bem adaptados, mas que existe uma parcela que apresenta problemas de adaptação à socialização dentro universidade. As habilidades sociais emergem aqui como fundamentais no processo de formação acadêmica, não só úteis para uma melhor adaptação acadêmica, mas também para o exercício profissional futuro. É urgente a

universidade reconhecer que não deve se resumir a uma série de conhecimentos teóricos e técnicos, mas também como formadora de cidadãos.

A respeito da dimensão carreira, ressalta-se o papel da identidade profissional que está em construção durante a trajetória acadêmica e em como o ambiente social e suas configurações contribuem em seu desenvolvimento. A universidade e, conseqüentemente, as vivências acadêmicas participam ativamente na constituição de um novo papel social das pessoas que estão prestes a adentrar o mercado de trabalho. No que se refere a questões dessa dimensão, os resultados apontam que os estudantes apresentam estarem seguros e envolvidos com a decisão de estar no curso que escolheram.

Já a dimensão estudo foi que obteve os resultados mais negativos em relação a gestão de tempo, organização e priorização de tarefas. Apesar de existirem diversos workshops sobre esses temas, essencialmente o primeiro, nota-se que por vezes são insuficientes para materializar os objetivos pelos quais são ofertados. Seguindo da dimensão pessoal, este foi o domínio com menores níveis de adaptação, o que releva maiores dificuldades em lidar com as demandas que esta dimensão retrata. São necessárias medidas de promoção à saúde que visem habilitar esses indivíduos à lidar com essas atribuições, que proporcionem o desenvolvimento de recursos psicológicos funcionais, eficientes e saudáveis para adaptar-se ao contexto acadêmico de forma mais segura e efetiva.

Na dimensão institucional, os alunos se mostram bem adaptados às respectivas instituições que frequentam. No quesito infraestrutura, as vivências acadêmicas institucionais se mostram mais satisfatórias em comparação às categorias das demais dimensões. Destaca-se que para além os investimentos em infraestrutura, é preciso que as Instituições de Ensino Superior invistam em outros aspectos universitários que também possam contribuir para uma adaptação mais eficaz ao universo acadêmico.

Considera-se importante ressaltar que os cursos das Ciências Biológicas e da Saúde são apontados como um grupo de estudantes com problemas de saúde mental graves relacionados à própria trajetória de Ensino Superior e são evidentes como as vivências acadêmicas estão envolvidas nessas demandas. Essa dinâmica reflete uma incoerência, já que serão os futuros profissionais a promover, trabalhar, lutar e ensinar a respeito da saúde o que revela a incumbência de um olhar cauteloso às demandas apresentadas por esta parcela social.

Por fim, o debate realizado até aqui pode auxiliar na compreensão de como a trajetória de graduação é particularmente mais desafiadora para alguns do que para

outros. E que não, necessariamente, isso se dá por conta da universidade, mas sim nas condições em que ela opera. Essa afirmativa não anula a responsabilidade das Instituições do Ensino Superior, bem como de toda a comunidade acadêmica, de estruturar possibilidades para pensar em melhores condições de adaptação à realidade acadêmica assim como em alternativas para diminuir os agravos à saúde mental dos estudantes universitários.

REFERÊNCIAS

- ABIB, José Antônio Damásio. Epistemologia pluralizada e história da psicologia. **Scientiae Studia** [online]. 2009, v. 7, n. 2 [Acessado 19 Setembro 2023], pp. 195-208. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200002>>. Epub 08 Dez 2009. ISSN 2316-8994.
- ABREU, M. K. DE A.; XIMENES, V. M.. Pobreza, permanência de universitários e assistência estudantil: uma análise psicossocial. **Psicologia USP**, v. 32, p. e200067, 2021.
- ALMEIDA, L. S.; FERREIRA, J. A.; SOARES, A. P. Questionário de Vivências Acadêmicas: Construção e validação de uma versão reduzida (QVA-r). **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v.3, n.1, p. 181-207, 1999.
- ALMEIDA, Leandro S. et al. Construção de um questionário transcultural de motivos de abandono do ensino superior. **Aval. psicol.**, 2019, vol.18, no.2, p.201- 209. ISSN 1677-0471.
- ALMEIDA, Leandro S., SOARES, Ana Paula C. and FERREIRA, Joaquim Armando. Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA-r): avaliação do ajustamento dos estudantes universitários. **Aval. psicol.**, Nov 2002, vol.1, no.2, p.81-93. ISSN 1677-0471.
- ALVES, Afonso Telles (org.). **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ARIÑO, Daniela Ornellas. **Relação entre vulnerabilidade psicológica, vivências acadêmicas e autoeficácia em estudantes universitários**. 2018. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- BARROSO, S. M.; FERREIRA, H. G.; PACHECO, J. T. B.. Mental Health Profiles of University Students and Associated Life Habits. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 39, n. spe, p. e39nspe06, 2023.
- BRASIL, Ministério da Educação Governo Federal do. **Bolsas e Auxílio**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/bolsas-e-auxilios>. Acesso em: 26 fev. 24.
- BRASIL, Ministério da Educação Governo Federal do. **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/jbrj/pt-br/assuntos/educacao/programa-institucional-de-bolsas-de-iniciacao-cientifica-pibic>. Acesso em: 26 fev. 2024.
- BRITO, Q. H. F. et al. Maternidade, paternidade e vida acadêmica: impactos e percepções de mães e pais estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 4, p. e233, 2021.
- CARVALHO, A. M. A. et al.. Mulheres e cuidado: bases psicobiológicas ou arbitrariedade cultural?. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 18, n. 41, p. 431–444, set. 2008.

CARVALHO, T. M. da C. S. et al. (2013). Qualidade do Sono e Sonolência Diurna Entre Estudantes Universitários de Diferentes Áreas. **Revista Neurociências**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 383–387. DOI: 10.34024/rnc.2013.v21.8161. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8161>. Acesso em: 7 mar. 2024.

COSTA, M. M.; NUNES, R. S.; PEREIRA, A. dos S.; SELARI, L. da S.; FERREIRA, G. V. dos S.; SCALABRINE, C. L. de O.; LÚCIO, D. N.; PIRES, R. V. DA SILVA. M.E. A.; DOS SANTOS R. R.; MEDEIROS R. V. de J.; SOUZAS. L. de C.; SOUZAD. F.; FERREIRAD. P. V. Saúde mental dos estudantes universitários. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, v. 9, p. e 6228, 4 fev. 2021.

DIAS, Luana Gonçalves; SILVA, Nubia Alves da; OLIVEIRA, Saphira Sampaio Barbosa de; MARQUES, Matheus Santos. Ansiedade e Depressão em Universitários a Área da Saúde: uma revisão integrativa / anxiety and depression in university students in the health area. **Id On Line. Revista de Psicologia**, [S.L.], v. 15, n. 58, p. 565-575, 30 dez. 2021. Lepidus Tecnologia. <http://dx.doi.org/10.14295/idonline.v15i58.3344>.

FERNANDES, Maianna Costa. **Da comparação social à ideação suicida: o papel mediador da autoestima e de sintomas depressivos**. 2021. 60 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

FILHO, N. de A.; COELHO, M. T. Ávila; PERES, M. F. T. O conceito de saúde mental. **Revista USP**, [S. l.], n. 43, p. 100-125, 1999. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i43p100-125. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28481>. Acesso em: 23 set. 2023.

FLOR, Tainá De Oliveira et al. **Revisões de literatura como métodos de pesquisa: aproximações e divergências**. Anais do VI CONAPESC... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/76913>>. Acesso em: 13/05/2024 18:20

FLORIANO, Lara Simone Messias (org.). **Saúde Mental e COVID-19: cenários, debates e desafios**. Ponta Grossa: Editora Uepg, 2021. p. 35-46.

FRAGELLI, T. B. O.; FRAGELLI, R. R. Por que estudantes universitários apresentam estresse, ansiedade e depressão? Uma rapid review de estudos longitudinais. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 11, p. 1–21, 2021. DOI: 10.35699/2237-5864.2021.29593. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/29593>. Acesso em: 7 mar. 2024.

GANDA, D. R; BORUCHOVITICH, E. **A autorregulação da aprendizagem**: principais conceitos e modelos teóricos. *Psic. Da Educação*, São Paulo, 46, p. 71-80. 1º sem, 2018. Disponível em: 39147-Texto do artigo-109569-1-10-20180911.pdf . Acesso em: 23 abr. 2022.

GONDIM, Sonia Maria Guedes; BENDASSOLLI, Pedro; PEIXOTO, Liana Santos Alves. A construção da identidade profissional na transição universidade-mercado de trabalho. In: SOARES, Adriana Benevides; MOURÃO, Luciana; MOTA, Márcia Maria Peruzzi Elia da. **O estudante universitário brasileiro**. Curitiba: Appris, 2016. p. 1-381.

GOULART, Juliana Sonogo. **Vivências acadêmicas: análise de fatores que interferem a experiência universitária**. 2017. 60 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

HAHN, Michelle Selma *et al.* A Saúde Mental do Estudante Universitário: Sua história ao longo do século XX. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2/3, p. 81-89, maio 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/t8zQdXWT4HjHcWr4KLZxvyG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 dez. 2022.

HANZEN, E. Depressão, ansiedade e esgotamento afetam cada vez mais estudantes, e suicídio é uma das principais causas de morte entre jovens. **Jornal da UFRGS**. Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-5, 19 jan. 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/au>. Acesso em: dia mês ano.

HOUSING, Uliving Student. **Os impactos da moradia estudantil na formação acadêmica dos universitários**. 2021. Disponível em: <https://uliving.com.br/blog/os-impactos-da-moradia-estudantil-na-formacao-academica-dos-universitarios/>. Acesso em: 28 fev. 2024. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200002>.

IFF/FIOCRUZ, Everton Lima. **No mês da mulher, IFF/Fiocruz destaca o protagonismo feminino na saúde**. 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/no-mes-da-mulher-iff/fiocruz-destaca-o-protagonismo-feminino-na-saude>. Acesso em: 24 fev. 2024.

LACERDA, I. P.; YUNES, M. A. M. ; VALENTINI, F. Permanência no ensino superior e a rede de apoio de estudantes residentes em moradia estudantil. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 8, n. 00, p. e022004, 2021.

DOI: 10.20396/riesup.v8i00.8663399. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8663399>. Acesso em: 28 fev. 2024.

LAWTON, M. P. (1991). **A multidimensional view of quality of life in frail elders**. Em J. E. Birren (Ed.). *The Concept and Measurement of Quality of Life in the Frail Elderly* (pp. 327). San Diego: Academic Press.

LILACS. **Estudos transversais: orientações para indexação de acordo com a Metodologia LILACS**. 2021. Disponível em: <https://lilacs.bvsalud.org/guias-e-manuais/docs/metodologia-lilacs-manual-de-indexacao-de-documentos-para-bases-de-dados-bibliograficas/notas-tecnicas/08-21-estudos-transversais/>. Acesso em: 26 mar. 2024.

MARQUES, Carolina Sampaio; PEREIRA, Breno Augusto Diniz; ALVES, Juliano Nunes. Identificação Dos Principais Fatores Relacionados À Infraestrutura Universitária: Uma Análise Em Uma Ies Pública. **Ciências Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 23, n. 1, p. 91-103, jun.2010. Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/sociasehumanas/article/download/2100/1284>. Acesso em: 08 mar. 2024.

MATTOSO, Isabela Reis, ALMEIDA, Bruna. **Aplicativo como suporte na autorregulação de aprendizagens para estudantes universitários**. Laboro, São Luís, MA. 2022. Disponível em: <http://repositorio.laboro.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/784>. Acesso em: 21/03/2024.

MIGUEL, Fabiano Koich Psico-USF, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 153-162, jan./abr. 2015 153 Disponível em www.scielo.br <http://dx.doi.org/10.1590/141382712015200114> **Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional**– Universidade Federal de Londrina, Londrina, Brasil.

OLIVEIRA FALCÃO LIMA, Giulia; SILVA SANTOS, Luana Cristina; FARO, André. Suicídio em Estudantes Universitários: Ocorrência e Fatores Psicológicos e Sociais Associados. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 14, n. 1, p. 14-30, ago. 2022. ISSN2175-5027. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/4384>. Acesso em: 23 set. 2023. doi:<https://doi.org/10.18256/2175-5027.2022.v14i1.4384>.

OMS. **Definição de Saúde Mental**. 2021. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2022/11/o-que-e-saude-mental-segundo-a-oms>. Acesso em: 04 de maio de 2024.

PADOVANI, Ricardo da Costa et al. Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. **Rev. bras. ter. cogn.** [online]. 2014, vol.10, n.1, pp. 02-10. ISSN18085687. <http://dx.doi.org/10.5935/18085687.20140002.0010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 set.2023. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº02rex29.->

PELLISSON, Sofia; BORUCHOVITCH, Evely. Estratégias de regulação emocional de estudantes universitários: uma revisão sistemática da literatura. **Educ. Form.**, Fortaleza, v. 7, e7152, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.25053/redufor.v7i1.7152>. Acesso em 07 mar. 2024. Epub 01-Dez-2021. http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2448-35832022000100123&lng=pt&nrm=iso.

PEREIRA, Marcia Silva et al. A Relação Entre As Condições De Trabalho Saúde Dos Estudantes Trabalhadores. **Saúde e Pesquisa**, Maringá, v. 9, n. 3, p. 525-535, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/5573>. Acesso em: 26 fev. 2024.

PINTO, Estela Baldani; FLORIANO, Lara Simone Messias. Reflexão sobre os efeitos da COVID-19 nos projetos de vida de jovens estudantes em uma Universidade Estadual: problemas em saúde mental de jovens estudantes universitários. In:

FLORIANO, Lara Simone Messias (org.). **Covid-19 e saúde mental: cenários, debates e desafios**. Ponta Grossa: Editora Uepg, 2021. p. 71-88.

ROMANOWSKI, Francielle N. de A.; CASTRO, Mariane Boaventura de; NERIS, Naysa Wink. **Manual de tipos de estudo**. Anápolis, 2019.

SAHÃO, F. T.; KIENEN, N. Adaptação e saúde mental do estudante universitário: revisão sistemática da literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p. e224238, 2021.

SANTOS, Boaventura Souza. **O futuro começa agora: da pandemia à utopia**. 1.ed. São Paulo:: Boitempo, 2021.

SANTOS, Cristina Vianna Moreira dos. Sofrimento psíquico e risco de suicídio: diálogo sobre saúde mental na universidade. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 11, n. 2, p. 149- 160, ago. 2019. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-2591201900020
saúde mental dos estudantes universitários da área da saúde: uma revisão integrativa de literatura. **Peer Review**, [S. l.], v. 5, n. 7, p. 219–233, 2023 DOI: 10.53660/391.prw1009. Disponível em:
<http://peerw.org/index.php/journals/article/view/391>. Acesso em: 23 set. 2023.

SAÚDE, Ministério da. **Covid-19: situação epidemiológica do Brasil até a SE 10 de 2023**: Ministério da saúde atualiza dados encaminhados pelas secretarias estaduais, municipais e distrito federal. o Ministério da Saúde atualiza dados encaminhados pelas secretarias estaduais, municipais e Distrito Federal. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/informes-semanais-covid-19/covid-19-situacao-epidemiologica-do-brasil-ate-a-se-10-de-2023>. Acesso em: 07 set. 2023.

SILVA, Anna Clara Santos da et al. Relação entre vivência acadêmica e ansiedade em estudantes universitários. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 14, n. 2, p. 563587, ago.2021. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822021000200010&lng=pt&nrm=iso>.acesso em 07 mar. 2024. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2021.142.09>. SILVA, Maria Eduarda Gaspar Branco da; FLORIANO, Lara Simone Messias. Contextualização histórica da COVID-19, a concepção de saúde mental e a atenção psicossocial. In: FLORIANO, Lara Simone Messias (org.). **Saúde Mental e COVID-19: cenários, debates e desafios**. Ponta Grossa: Editora Uepg, 2021. Cap. 1. p. 15-24.

SOARES, Adriana Benevides *et al.* Situações Interpessoais: o que dizem os estudantes universitários? In: SOARES, Adriana Benevides; MOURÃO, Luciana; MOTA, Márcia Maria Peruzzi Elia da (org.). **O estudante universitário brasileiro**. Curitiba: Appris, 2016. p. 1-381.

SOARES, Adriana Benevides; MONTEIRO, Marcia Cristina Lauria de Moraes; SANTOS, Zeimara de Almeida. Revisão sistemática da literatura sobre ansiedade em estudantes do ensino superior. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo , v. 13, n. 3, p. 992-1012, dez. 2020. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198334822020000300014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 mar. 2024.

SOARES, Adriana Benevides; SEABRA, Ana Maria Ribeiro de; GOMES, Gil. Vivências Acadêmicas e Habilidades Sociais: um estudo correlacional com universitários do primeiro ano de instituições do rio de janeiro. In: SOARES, Adriana Benevides; MOURÃO, Luciana; MOTA, Márcia Maria Peruzzi Elia da (org.). **O estudante universitário brasileiro**. Curitiba: Appris, 2016. p. 1-381.

SOUZA, Luciane Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, jan. 2019.

STEEL, Piers. The nature of procrastination: A meta-analytic and theoretical review of quintessential self-regulatory failure. **Psychological Bulletin**, v. 133, n. 1, p. 65–94, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0033-2909.133.1.65>

UEPG. **UEPG Abraça lança atividades para marcar o Setembro Amarelo**. 2021. Disponível em: <https://www.uepg.br/set-amarelo/>. Acesso em: 02 out. 2023.

VIEIRA-SANTOS, Joene; RODRIGUES Malaquias, Vivian Nathalia. Procrastinação acadêmica entre estudantes universitários brasileiros. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 25, n. 47, 2022. DOI: 10.36704/eef.v25i47.5816. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/educacaoemfoco/article/view/5816>. Acesso em: 21 mar. 2024. World Health Organization. Mental health: a state of well-being. [Internet]. 2014 [Acesso em: 29/04/2020]. Disponível em: http://www.who.int/features/factfiles/mental_health/en/

APÊNDICE A- CARTAS DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DAS INSTITUIÇÕES PARTICIPANTE

Ingresso com recursos próprios da UEPG por oneroso



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE



Ponta Grossa, 10 de março de 2023

AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA

Eu, JÚLIO CÉSAR MINÉ, Diretor do Setor de Ciências Biológicas e da Saúde (SEBISA) da Universidade Estadual de Ponta Grossa, autorizo o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa Intitulado: "VIVÊNCIAS ACADÊMICAS: INVESTIGANDO A SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE", de autoria de Julia Von Holleben, sob orientação da Professora Dra. Lara Simone Messias Floriano, vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas – UEPG.

Os instrumentos (questionários) serão aplicados junto aos alunos de graduação dos cursos do SEBISA, após prévio contato com as coordenações de cursos.

Atenciosamente,

Prof. Júlio César Miné, Dr. Júlio César Miné
Diretor do Setor de Ciências Biológicas e da Saúde


Ponta Grossa, 13 de março de 2023

AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA

Eu, **ELAINE CRISTINA DA COSTA PORTES**, Coordenadora do curso de enfermagem, autorizo o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa Intitulado: **"VIVÊNCIAS ACADÊMICAS: INVESTIGANDO A SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE"** De autoria de **Julia Von Holleben**, sob orientação da Professora Dra. **Lara Simone Messias Floriano**, vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas - UEPG,

Os instrumentos (questionários) serão aplicados junto aos alunos de graduação dos cursos de Saúde das Faculdades Integradas dos Campos Gerais, com prévio contato com as coordenações dos cursos.

Atenciosamente,

 Documento assinado digitalmente
ELAINE CRISTINA DA COSTA PORTES
Data: 13/03/2023 14:02:04 -0300
Verifique a autenticidade em: gov.br

Elaine Cristina da Costa Portes
Coordenadora de Enfermagem Cescage



Centro de Ciências Biológicas e Saúde

Ponta Grossa, 31 de março de 2023

AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA

Eu, TATIANA ROSELENA DE OLIVEIRA STREMEL, Coordenadora do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Faculdade Cesumar de Ponta Grossa, autorizo o desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado "VIVÊNCIAS ACADÊMICAS: INVESTIGANDO A SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES DA ÁREA DA SAÚDE", de autoria de Julia Von Holleben sob orientação da professora Dra. Lara Simone Messias Floriano, vinculada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais Aplicadas - UEPG.

Os instrumentos (questionários) serão aplicados junto aos alunos de graduação dos cursos do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, após contato prévio.

Atenciosamente,

Documento assinado digitalmente
gov.br TATIANA ROSELENA DE OLIVEIRA STREMEL
Data: 31/03/2023 10:20:04 -0300
Verifique em <https://validar.dig.br>

Tatiana Roselena de Oliveira Stremel
Coordenadora de Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da pesquisa: VIVÊNCIAS ACADÊMICAS: INVESTIGANDO A SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES DAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE .

Pesquisador(es/as) ou outro (a) profissional responsável pela pesquisa:: Julia Von Holleben; Mestranda em Ciências Sociais Aplicadas e Lara Simone Messias Floriano; Dra. Em Programa Interunidades Doutorado em Enfermagem

Local de realização da pesquisa: Brasil; Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Faculdade Cescage; Centro Superior de Ensino Maringá UniCesumar. Endereço: Praça Santos de Andrade, 01, Ponta Grossa, PR. Telefone: (+55) 42 32203222

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa de mestrado sobre “VIVÊNCIAS ACADÊMICAS: INVESTIGANDO A SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE” tendo como pesquisadora responsável a mestranda Julia Von Holleben e a pesquisadora Orientadora a Dra. Lara Simone Messias Floriano, ambas da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

A justificativa deste convite, parte de questionamentos sobre quais elementos presentes na vivência acadêmica prejudicam a saúde mental dos acadêmicos na área da saúde, tendo em vista o grande investimento social destinado a este grupo que será a equipe profissional futura a atender e cuidar da população. Nesse sentido, é importante entender o processo de prejuízo na saúde mental no contexto universitário desse grupo para que novos conhecimentos sejam produzidos e possam sustentar ações mais efetivas em relação à demanda.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar a percepção das vivências acadêmicas e suas dimensões considerando as condições sociodemográficas. A sua participação no estudo será de caráter quantitativo e irá contribuir para que os objetivos da pesquisa sejam alcançados. Este questionário terá como tempo de preenchimento de no mínimo 25 minutos.

Quanto à confidencialidade, destaca-se que todos os dados expostos pelos participantes serão assegurados pelo sigilo, sendo que estes dados serão usados na dissertação de Mestrado e posteriores publicações decorrentes do estudo, apenas, sob a permissão de cada participante.

Após as análises das informações coletadas, você será informado (a) dos resultados desta pesquisa da qual participa se assim desejar. Sua participação é voluntária, portanto, não receberá recompensa ou gratificação nem pagará para participar.

Será garantido o livre acesso a todas as informações e retirada de dúvidas sobre o estudo, qualquer questionamento que se queira saber antes, durante e depois da participação na pesquisa.

Enquanto riscos, destaca-se que esta pesquisa pode conter perguntas que podem causar eventual desconforto além de um pequeno cansaço após responder todo o questionário.

Enquanto benefícios, pretende-se colaborar para o entendimento do processo de prejuízo à saúde mental dos acadêmicos e acadêmicas de saúde em relação aos aspectos da vivência acadêmica, além da disseminação do conhecimento científico.

Destaca-se que, você poderá deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem apresentar justificativas e, também, sem prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido, tendo também todas as dúvidas esclarecidas sobre a sua participação neste estudo.

Por esta razão, sua participação é de suma importância. Desta forma, em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com qualquer um dos membros da pesquisa ou com a Comissão de Ética em Pesquisa da UEPG. Desta forma, você pode assinalar o campo indicado abaixo para receber o resultado desta pesquisa, caso seja de seu interesse.

_____ Julia Von
Holleben

Mestranda Programa Pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas UEPG

Dra Lara Simone Messias Floriano

Professora no Prog. Pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas UEPG

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Idade: _____

Sexo: Feminino Masculino

Qual sua Instituição de Ensino Superior? CESCAGE UEPG UNICESUMAR Trabalha
 SIM Não

Atividade laboral está relacionada com o curso? SIM NÃO

Recebe recursos da universidade: Bolsa Permanência Bolsa Iniciação Científica (
 Cotas

Estado Civil: Casado/A União Estável Solteiro/A Divorciado/A Viúvo/A Teve que
se mudar para estar na universidade? SIM Não

Reside atualmente: Sozinho/A Com Os Pais Com Outro Familiar Que Não Os
Pais República /Pensionato/Residência Estudantil Com Amigos/Colegas
Companheiro/a ou Cônjuge

Filhos: SIM NÃO Residem com você? SIM NÃO

Renda Familiar 1.000 a 2.500 2.500 a 4.000 4.000 a 5.500 5.500 a 7.000 Acima
de 7.000

Curso: Farmácia Fisioterapia Medicina Veterinária Nutrição Enfermagem (
 Odontologia Psicologia Ciências Biológicas Educação Farmácia
 Odontologia Enfermagem Fisioterapia Medicina Veterinária Nutrição
 Odontologia Psicologia Estética

Faz Psicoterapia: SIM NÃO

Possui diagnóstico de Transtorno Mental: SIM NÃO

Diagnóstico de Transtorno Mental na família: SIM NÃO

ANEXO A - QVA-r

ATENÇÃO!

O presente questionário destina-se a compreender opiniões, sentimentos, percepções referentes as circunstâncias e situações pertencentes a vivência acadêmica, sendo essas relacionadas a Universidade e outras não. Entretanto, todas as questões pretendem abraçar as experiências do cotidiano enquanto estudante do Ensino Superior. Você levará em torno de 25 minutos para responder ao questionário. Solicita-se a você participante que o questionário seja preenchido de acordo com a sua trajetória acadêmica, com foco no momento atual. Ressalta-se a confidencialidade de suas respostas e agradecemos por toda sinceridade delas. Responda da seguinte forma: marque a alternativa que mais achar adequada em relação a sua opinião e/ou sentimento, em uma escala de 1 a 5 sendo:

ESCALA LIKERT					
1. Nada a ver comigo, totalmente em desacordo, nunca acontece.					
2. Pouco a ver comigo, muito em desacordo, poucas vezes acontece.					
3. Algumas vezes de acordo comigo e outras não, algumas vezes acontece, outras não.					
4. Bastante a ver comigo, muito de acordo, acontece muitas vezes.					
5. Tudo a ver comigo, totalmente de acordo, acontece sempre					
ITENS					1 2 3 4 5
Faço amigos com facilidade na minha Universidade/Faculdade					Acredito que
posso concretizar meus valores na profissão que escolhi					
Mesmo que pudesse não mudaria de Universidade/Faculdade					
Costumo ter variações de humor					
Olhando para trás, consigo identificar as razões que me levaram a					escolher este
curso					
Nos estudos não estou conseguindo acompanhar o ritmo dos meus					colegas de turma
Escolhi bem o curso que frequento					
Tenho boas qualidades para a área profissional que escolhi					
Sinto-me triste ou abatido(a) Administro bem meu tempo					
Ultimamente me sinto desorientado(a) e confuso(a)					
Gosto da Universidade/Faculdade em que estudo Há					
situações em que sinto que estou perdendo o controle					
Sinto-me envolvido com o meu curso					
Conheço bem os serviços oferecidos pela minha					
Universidade/Faculdade					
Gostaria de concluir o meu curso na instituição que agora frequento					

Nos últimos tempos me tornei mais pessimista					
Meus colegas têm sido importantes para meu crescimento pessoal					

Minha trajetória universitária corresponde às minhas expectativas vocacionais					
Sinto cansaço e sonolência durante o dia					
Acredito que o meu curso me possibilitará a realização profissional					
Acredito possuir bons amigos na universidade					
Sinto-me em forma e com um bom ritmo de trabalho					
Tenho desenvolvido amizades satisfatórias com os meus colegas de curso					
Tenho momentos de angústia					
Tenho dificuldades em achar um(a) colega que me ajude num problema pessoal					
Não consigo me concentrar numa tarefa durante muito tempo					
Faço um planejamento diário das coisas que tenho para fazer					
Tenho boas relações de amizade com colegas de ambos os sexos					
Consigo ter o trabalho escolar sempre em dia					
Quando conheço novos colegas não sinto dificuldades em iniciar uma conversa					
Escolhi o curso que me parece mais de acordo com as minhas aptidões e capacidades					
Sou visto como uma pessoa amigável e simpática					
Penso em muitas coisas que me deixam triste					
Procuro conviver com os meus colegas fora dos horários das aulas					
Sei estabelecer prioridades no que diz respeito à organização do meu tempo					
Tomo a iniciativa de convidar os meus amigos para sair					
Minhas relações de amizade são cada vez mais estáveis, duradouras e independentes					
Faço boas anotações das aulas					
Sinto-me fisicamente debilitado(a)					
A instituição de ensino que frequento não me desperta interesse					
Consigo ser eficaz na minha preparação para as provas					
A biblioteca da minha Universidade é completa					
Procuro sistematizar/organizar a informação dada nas aulas					
Simpatizo com a cidade onde se situa a minha Universidade/Faculdade					
Tenho dificuldades para tomar decisões					
Sinto-me desiludido(a) com meu curso					
Tenho capacidade para estudar					
Meus gostos pessoais foram decisivos na escolha do meu curso					

Tenho me sentido ansioso(a)					
Estou no curso que sempre sonhei					
Sou pontual na chegada às aulas					
A minha Universidade/Faculdade tem boa infra-estrutura					
Não consigo fazer amizade com meus colegas					
Mesmo que pudesse não mudaria de curso					

ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Políticas Públicas de Cidadania e Inclusão Social e o Cuidado em Saúde Mental nos Diferentes Contextos e Cenários

Pesquisador: LARA SIMONE MESSIAS FLORIANO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 69820923.2.0000.0105

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Ponta Grossa

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.125.159

Apresentação do Projeto:

O conceito de saúde integral e abrangente proposto pela reforma sanitária exigiu mudanças estruturais nas políticas públicas da saúde e da assistência social, instaurando a participação popular e o controle social nos modelos de gestão. A Lei 10.216 de 6 de abril de 2001, conhecida como Lei da Reforma Psiquiátrica Brasileira, foi um marco importante na história da saúde mental brasileira. Esta lei foi a primeira a estabelecer princípios e diretrizes para a atenção em saúde mental no Brasil. Entre eles, destacam-se o direito à vida, à saúde, ao tratamento e à inclusão social, a defesa dos direitos humanos, a promoção da autonomia, a garantia do acesso a serviços e a reorientação dos serviços de saúde mental. Em 2011, a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) foi oficialmente lançada pelo governo federal através da Portaria MS/GM nº 3.088, de 23/12/2011. A portaria da RAPS tem como objetivo a ampliação e garantia do acesso à atenção psicossocial, de forma humanizada e centrada nas necessidades das pessoas. Além disso,

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748, UEPG, Campus Uvaerinas, Bloco do Reitoria, sala 22
Bairro: Uvaerinas **CEP:** 84.030-900
UF: PR **Município:** PONTA GROSSA
Telefone: (42)3220-3262 **E-mail:** propepssecretaria@uepg.br

Continuação do Parecer: 6.125.159

estabelece os diferentes equipamentos que compõe a Rede e delimita suas finalidades (BRASIL, 2011). As políticas de prevenção e promoção de Saúde Mental tem como objetivo aumentar a conscientização sobre a saúde mental, identificar e prevenir problemas e oferecer tratamento eficaz a quem precise. Estas políticas podem incluir campanhas de conscientização, programas de educação para a saúde mental, programas de prevenção de transtornos mentais e acesso a serviços de saúde mental. Já as políticas de proteção social têm como objetivo garantir que todas as pessoas tenham acesso a serviços de saúde mental de qualidade, incluindo acesso a tratamentos eficazes e cuidados de saúde mental integrados, proteção contra a discriminação e violência e acesso a recursos que ajudem as pessoas a serem economicamente independentes. Por fim as políticas de proteção de direitos humanos focam na garantia dos direitos humanos das pessoas com problemas de saúde mental, incluindo direitos à vida, à liberdade e à segurança, à saúde, à educação, à igualdade de oportunidades, à proteção contra a discriminação e à liberdade de expressão. (OMS, 2020). A pandemia de Covid-19 afetou profundamente a saúde mental das pessoas em todo o mundo. As limitações físicas, as restrições de contato e a incerteza sobre o futuro têm gerado ansiedade, depressão e outros problemas de saúde mental. Alguns dos principais fatores que contribuem para o impacto da Covid-19 na saúde mental incluem: mudanças na rotina diária, perda de emprego ou renda, luto, solidão, preocupações financeiras, sobrecarga dos cuidadores, entre outros. Do ponto de vista da saúde mental, uma epidemia provoca uma perturbação psicossocial que pode ultrapassar a capacidade de enfrentamento da população afetada.

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748, UEPG, Campus Uvaíras, Bloco da Rectoria, sala 22
Bairro: Uvaíras **CEP:** 84.030-900
UF: PR **Município:** PONTA GROSSA
Telefone: (42)320-3262 **E-mail:** proespsecretaria@uepg.br

Continuação do Parecer: 6.125.159

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

investigar as demandas de Saúde Mental em diversos contextos e cenários e no ciclo vital humano, com foco na análise e avaliação das políticas públicas de direitos, inclusão social e cidadania das pessoas com problemas de saúde mental; interdisciplinaridade, discursos e práticas de sujeitos no campo da Saúde Mental; Epidemiologia, identificação, caracterização e avaliação da comunidade no enfrentamento dos transtornos mentais, problemas com álcool e outras drogas, prevenção e pósvenção do suicídio; organização e avaliação de serviço de atendimento psicossocial à comunidade universitária, Saúde Mental e COVID-19 - impactos e enfrentamentos, integridade psíquica e direitos humanos em ambiente virtual.

Objetivo Secundário:

Investigar o impacto da Covid-19 na saúde mental das pessoas idosas participantes de Centros de Convivência, bem como, demais populações no ciclo vital humano e da Rede de Atenção Psicossocial; Analisar as estratégias de adaptação utilizadas pela equipe multiprofissional no Centro de Atenção Psicossocial, para a reabilitação psicossocial, devido a influência da pandemia de COVID-19, bem como, demais populações e categorias de trabalhadores, no ciclo vital humano e da Rede de Atenção Psicossocial e demais serviços de saúde e educação; Investigar os aspectos das vivências acadêmicas e escolares de adultos jovens/crianças e adolescentes, que afetam a saúde mental; Aplicar escalas e testes psicológicos nas diferentes populações no ciclo vital humano, em diferentes cenários e contextos; Analisar como o Estado brasileiro tem atuado na criação de políticas públicas de proteção à integridade psíquica no ambiente virtual, à luz do debate sobre direitos humanos.

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748, UEPG, Campus Uvaranas, Bloco de Reitoria, sala 22
Bairro: Uvaranas **CEP:** 84.030-900
UF: PR **Município:** PONTA GROSSA
Telefone: (42)3220-3282 **E-mail:** propespsecretaria@uepg.br

Continuação do Parecer: 6.525.158

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Como risco, pode-se ocasionar dos participantes voluntários não aceitarem participar das pesquisas. Como providência, ao entrar em contato com os participantes, será explicado sobre os critérios de confidencialidade que será pautado no TCLE. Também este estudo pode gerar como risco um possível desconforto aos participantes em relação as perguntas presentes nos instrumentos de pesquisa, isso porque tratam-se de questionamentos de ordem pessoal e íntima da vivência de cada pessoa. Essa é uma das razões pelas quais é importante ressaltar aos participantes a segurança dos dados que serão coletados. Quaisquer dúvidas que eventualmente surjam pelos/as participantes serão respondidas pelos pesquisadores, que fornecerá e-mail como forma de contato. Além disso, quanto a explicações do termo de consentimento livre esclarecido estas poderão ser esclarecidas pelos pesquisadores igualmente a qualquer momento.

Benefícios:

Como benefícios, esta pesquisa contribuirá para publicitar os serviços ofertados pela Rede de Atenção Psicossocial em seus diversos contextos e cenários, as estratégias de enfrentamento e adaptação dos diversos públicos no ciclo vital humano antes, durante e após a pandemia no campo da saúde mental, e, considerando os desafios e potencialidades, provocar e orientar os órgãos governamentais para a criação e implementação de políticas públicas de saúde mental com foco na cidadania e inclusão das pessoas com transtornos mentais, em ambiente presencial ou virtual, além de promover a disseminação do conhecimento científico.

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavacoani, nº 4748, UEPG, Campus Uvairensis, Bloco da Retoria, sala Z2
Bairro: Uvairensis **CEP:** 84.030-900
UF: PR **Município:** PONTA GROSSA
Telefone: (42)3220-3262 **E-mail:** proespsecretaria@uepg.br

Continuação do Parecer: 6.125.199

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e exequível. Trata-se de pesquisas que buscam investigar as demandas de Saúde Mental em diversos contextos e cenários e no ciclo vital humano, com foco na análise e avaliação das políticas públicas de direitos, inclusão social e cidadania das pessoas com problemas de saúde mental; interdisciplinaridade, discursos e práticas de sujeitos no campo da Saúde Mental; Epidemiologia, identificação, caracterização e avaliação da comunidade no enfrentamento dos transtornos mentais, problemas com álcool e outras drogas, prevenção e pósvenção do suicídio; organização e avaliação de serviço de atendimento psicossocial à comunidade universitária, Saúde Mental e COVID-19 - impactos e enfrentamentos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatório estão corretamente preenchidos e anexados na Plataforma. Em anexo e de acordo com as resoluções 466/2012 e 510/2016

Recomendações:

Enviar o relatório final ao término do projeto de pesquisa por Notificação via Plataforma Brasil para evitar pendências.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto foi aprovado sem restrições, após avaliação documental. O projeto se encontra dentro dos princípios éticos e metodológicos, de acordo com o Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012 e 510/2016.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748, UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Retora, sala 22.
Bairro: Uvaranas **CEP:** 84.030-900.
UF: PR **Município:** PONTA GROSSA
Telefone: (42)3220-3262 **E-mail:** propes@secretaria@uepg.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



Continuação do Parecer: 6.125.159

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2099730.pdf	16/06/2023 13:12:46		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_POLITICAS_PUBLICAS.pdf	16/06/2023 13:12:25	LARA SIMONE MESSIAS FLORIANO	Aceito
Outros	APENDICE4_QUESTIONARIO_Variaveis_EVENT.pdf	16/06/2023 13:06:35	LARA SIMONE MESSIAS	Aceito
Outros	apendice4_instrumentoVariaveis_EVENT.pdf	16/06/2023 13:05:56	LARA SIMONE MESSIAS	Aceito
Outros	apendice4_EVENT_ESCALA.pdf	16/06/2023 13:04:37	LARA SIMONE MESSIAS	Aceito
Outros	APENDICE3_INSTRUMENTO_DE_PESQUISA.pdf	16/06/2023 13:01:16	LARA SIMONE MESSIAS	Aceito
Outros	apendice2_instrumentodepesquisa.pdf	16/06/2023 13:00:38	LARA SIMONE MESSIAS	Aceito
Outros	Apendice1_instrumento_pesquisa.pdf	16/06/2023 12:58:15	LARA SIMONE MESSIAS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	apendice4_autorizacaostaca.pdf	16/06/2023 12:57:47	LARA SIMONE MESSIAS FLORIANO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	APENDICE3_CARTAAUTORIZACAO_DINF.pdf	16/06/2023 12:56:40	LARA SIMONE MESSIAS FLORIANO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	apendice1e2_CartadeautorizacaoNEP_prefeitura.pdf	16/06/2023 12:56:13	LARA SIMONE MESSIAS FLORIANO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	apendice4_TCLE.pdf	16/06/2023 12:55:28	LARA SIMONE MESSIAS FLORIANO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	apendice3_TCLE.pdf	16/06/2023 12:55:17	LARA SIMONE MESSIAS FLORIANO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	apendice2_TCLE.pdf	16/06/2023 12:54:58	LARA SIMONE MESSIAS FLORIANO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	apendice1_TCLE_.pdf	16/06/2023 12:54:39	LARA SIMONE MESSIAS FLORIANO	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_pesquisa.pdf	03/05/2023 15:01:13	LARA SIMONE MESSIAS	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748, UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22
 Bairro: Uvaranas CEP: 84.030-900
 UF: PR Município: PONTA GROSSA
 Telefone: (42)3220-3282 E-mail: propes@secretaria@uepg.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG 

Continuação do Parecer: 8.125.159

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PONTA GROSSA, 17 de Junho de 2023

Assinado por:
ULISSES COELHO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748, UEPG, Campus Uvaíras, Bloco da Rectoria, sala 22
Bairro: Uvaíras **CEP:** 84.030-900
UF: PR **Município:** PONTA GROSSA
Telefone: (42)3220-3282 **E-mail:** proespsecretaria@uepg.br